

# O Livro dos Espíritos



*Allan Kardec*

**LIVRO II – Mundo Espírita ou Mundo dos Espíritos**  
**CAPÍTULO VI – Vida Espírita**

## Índice

<b>Assunto</b>	<b>Origem</b>	<b>Pagina</b>
<b>I – Espíritos Errantes</b>	O Livro dos Espíritos	03
<b>Espíritos Errantes</b>	O Consolador	05
<b>II – Mundos Transitórios</b>	O Livro dos Espíritos	07
<b>Mundos Transitórios</b>	O Consolador	08
<b>III – Percepções, Sensações e Sofrimentos dos Espíritos</b>	O Livro dos Espíritos	11
<b>O princípio da ação e reação</b>	O Consolador	14
<b>IV – Ensaio Teórico sobre a Sensação dos Espíritos</b>	O Livro dos Espíritos	16
<b>Ensaio técnico sobre as sensações e percepções dos Espíritos</b>	O Consolador	20
<b>V – Escolha das Provas</b>	O Livro dos Espíritos	22
<b>Escolha da Provas</b>	O Consolador	27
<b>Destino versus escolha das Provas</b>	O Consolador	29
<b>VI – Relações de Além Túmulo</b>	O Livro dos Espíritos	31
<b>Memória de Além Túmulo</b>	O Consolador	34
<b>VII – Relações Simpáticas e Antipáticas dos Espíritos. Metades Eternas</b>	O Livro dos Espíritos	35
<b>Almas Gêmeas e metades Eternas</b>	O Consolador	37
<b>VIII – Lembranças da Existência Corpórea</b>	O Livro dos Espíritos	39
<b>Justificativas do esquecimento do passado</b>	O Consolador	42
<b>IX – Comemoração dos Mortos. Funerais</b>	O Livro dos Espíritos	44
<b>Finados para os Espíritos</b>	Consolador	46

**Livro segundo – Mundo Espírita ou Mundo dos Espíritos**  
**Capítulo VI – Vida Espírita**

**I – ESPÍRITOS ERRANTES**

**223.** A alma reencarna logo depois de se haver separado do corpo?

“Algumas vezes reencarna imediatamente, porém de ordinário só o faz depois de intervalos mais ou menos longos.

Nos mundos superiores, a reencarnação é quase sempre imediata. Sendo aí menos grosseira a matéria corporal, o Espírito, quando encarnado nesses mundos, goza quase que de todas as suas faculdades de Espírito, sendo o seu estado normal o dos sonâmbulos lúcidos entre vós.”

**224.** Que é a alma no intervalo das encarnações?

“Espírito errante, que aspira a novo destino, que espera.”

**A)** — Quanto podem durar esses intervalos?

“Desde algumas horas até alguns milhares de séculos.

Propriamente falando, não há extremo, limite estabelecido para o estado de erraticidade, que pode prolongar-se muitíssimo, mas que nunca é perpétuo. Cedo ou tarde, o Espírito terá que volver a uma existência apropriada a purificá-lo das máculas de suas existências precedentes.”

**B)** — Essa duração depende da vontade do Espírito, ou lhe pode ser imposta como expiação?

“É uma conseqüência do livre-arbítrio. Os Espíritos sabem perfeitamente o que fazem. Mas, também, para alguns, constitui uma punição que Deus lhes inflige. Outros pedem que ela se prolongue, a fim de continuarem estudos que só na condição de Espírito livre podem efetuar-se com proveito.”

**225.** A erraticidade é, por si só, um sinal de inferioridade dos Espíritos?

“Não, porquanto há Espíritos errantes de todos os graus. A encarnação é um estado transitório, já o dissemos.

O Espírito se acha no seu estado normal, quando liberto da matéria.”

**226.** Poder-se-á dizer que são errantes todos os Espíritos que não estão encarnados?

“Sim, com relação aos que tenham de reencarnar. Não são errantes, porém, os Espíritos puros, os que chegaram à perfeição. Esses se encontram no seu estado definitivo.”

No tocante às qualidades íntimas, os Espíritos são de diferentes ordens, ou graus, pelos quais vão passando sucessivamente, à medida que se purificam. Com relação ao estado em que se acham, podem ser: encarnados, isto é, ligados a um corpo; errantes, isto é, sem corpo material e aguardando nova encarnação para se melhorarem; Espíritos puros, isto é, perfeitos, não precisando mais de encarnação.

**227.** De que modo se instruem os Espíritos errantes? Certo não o fazem do mesmo modo que nós outros?

“Estudam e procuram meios de elevar-se. Vêem, observam o que ocorre nos lugares aonde vão; ouvem os discursos dos homens doutos e os conselhos dos Espíritos mais elevados e tudo isso lhes incute idéias que antes não tinham.”

**228.** Conservam os Espíritos algumas de suas paixões humanas?

“Com o invólucro imaterial os Espíritos elevados deixam as paixões más e só guardam a do bem. Quanto aos Espíritos inferiores, esses as conservam, pois do contrário pertenceriam à primeira ordem.”

## O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VI)

**229.** Por que, deixando a Terra, não deixam aí os Espíritos todas as más paixões, uma vez que lhes reconhecem os inconvenientes?

“Vês nesse mundo pessoas excessivamente invejosas.

Imaginas que, mal o deixam, perdem esse defeito? Acompanha os que da Terra partem, sobretudo os que alimentaram paixões bem acentuadas, uma espécie de atmosfera que os envolve, conservando-lhes o que têm de mau, por não se achar o Espírito inteiramente desprendido da matéria.

Só por momentos ele entrevê a verdade, que assim lhe aparece como que para mostrar-lhe o bom caminho.”

**230.** Na erraticidade, o Espírito progride?

“Pode melhorar-se muito, tais sejam a vontade e o desejo que tenha de consegui-lo. Todavia, na existência

corporal é que põe em prática as idéias que adquiriu.”

**231.** São felizes ou desgraçados os Espíritos errantes?

“Mais ou menos, conforme seus méritos. Sofrem por efeito das paixões cuja essência conservaram, ou são felizes, de conformidade com o grau de desmaterialização a que hajam chegado.

Na erraticidade, o Espírito percebe o que lhe falta para ser mais feliz e, desde então, procura os meios de alcançá-lo. Nem sempre, porém, lhe é permitido reencarnar como fora de seu agrado, representando isso, para ele, uma punição.”

**232.** Podem os Espíritos errantes ir a todos os mundos?

“Conforme. Pelo simples fato de haver deixado o corpo, o Espírito não se acha completamente, desprendido da matéria e continua a pertencer ao mundo onde acabou de viver, ou a outro do mesmo grau, a menos que, durante a vida, se tenha elevado, o que, aliás, constitui o objetivo para que devem tender seus esforços, pois, do contrário, nunca se aperfeiçoaria. Pode, no entanto, ir a alguns mundos superiores, mas na qualidade de estrangeiro. A bem, dizer, consegue apenas entrevê-los, donde lhe nasce o desejo de melhorar-se, para ser digno da felicidade de que gozam os que os habitam, para ser digno também de habitá-los mais tarde.”

**233.** Os Espíritos já purificados descem aos mundos inferiores?

“Fazem-no frequentemente, com o fim de auxiliar-lhes o progresso. A não ser assim, esses mundos estariam entregues a si mesmos, sem guias para dirigi-los.”

### Espíritos Errantes

#### Errante é o Espírito que precisa encarnar para evoluir

1. Separado do corpo físico, em decorrência da desencarnação, o Espírito volta, na maioria das vezes, a reencarnar depois de intervalos mais ou menos longos, intervalos esses que podem durar desde algumas horas até vários séculos, não existindo, nesse sentido, limite determinado.

O Espiritismo ensina, contudo, que esses intervalos podem prolongar-se por muito tempo, mas jamais serão perpétuos.

2. Enquanto aguarda nova encarnação, o desencarnado fica no estado de Espírito errante, estado em que espera novas oportunidades e aspira a um novo destino.

O fato de estar desencarnado não o coloca, porém, na condição de Espírito errante.

Errante só o é aquele que necessita de nova encarnação para progredir.

O Espírito que não mais precisa encarnar para evoluir já se encontra no estado de Espírito puro. Assim, quanto ao estado em que se encontrem, os Espíritos podem ser:

1 – **Encarnados**, os que estão ligados a um corpo físico;

2 – **Errantes**, os que aguardam nova encarnação;

3 – **Puros**, os que, desligados da matéria, já chegaram à perfeição e por isso não necessitam de nova encarnação.

3. Convém destacar que o estado de erraticidade não constitui, por si só, sinal de inferioridade dos Espíritos, uma vez que há Espíritos errantes de todos os graus.

A reencarnação é, com efeito, um estado transitório, já que o estado normal é quando o Espírito, liberto da matéria, vive plenamente a vida espiritual.

4. No estado de erraticidade, os Espíritos não ficam inertes: estudam, observam, buscam informações que lhes enriqueçam o conhecimento das coisas, procurando o melhor meio de se elevarem.

O ensino espírita sobre a vida de além-túmulo mostra que no espaço não há lugar algum destinado à contemplação estéril, à beatitude ociosa.

Todas as regiões do espaço estão povoadas por Espíritos laboriosos.

#### Os Espíritos são os construtores do seu futuro

5. Na condição de errante, o Espírito pode, portanto, melhorar muito, conquistando novos conhecimentos, dependendo naturalmente de sua maior ou menor vontade.

Entretanto, será na condição de Espírito encarnado que terá oportunidade de colocar em prática as idéias que adquiriu e realizar, efetivamente, o progresso que está buscando.

6. Gabriel Delanne afirma que os Espíritos são os próprios construtores do seu futuro, conforme o ensino do Cristo: “A cada um segundo suas obras”.

Todo Espírito que ficar demorado em seu progresso somente de si mesmo pode queixar-se, do mesmo modo que aquele que se adiantar tem todo o mérito do seu procedimento.

A felicidade que ele conquistou tem, por isso mesmo, mais valor aos seus olhos.

## **O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VI)**

7. A vida normal do Espírito efetua-se no espaço, mas a encarnação opera-se num dos globos que povoam o Universo infinito.

Ela é necessária ao seu duplo progresso, moral e intelectual.

Ao progresso intelectual, por causa da atividade que ele é obrigado a desenvolver no trabalho.

Ao progresso moral, por causa da necessidade que os homens têm uns dos outros.

A vida social – lembra Delanne – é a pedra de toque das boas e das más qualidades.

### **Bibliografia:**

**Kardec Allan**, O Livro dos Espíritos, (itens 199, 226, 227 e 230.)

**Gabriel Delanne**, O Fenômeno Espírita.

**Léon Denis**, Depois da Morte.

## II – MUNDOS TRANSITÓRIOS

**234.** Há, de fato, como já foi dito, mundos que servem de estações ou pontos de repouso aos Espíritos errantes?

“Sim, há mundos particularmente destinados aos seres errantes, mundos que lhes podem servir de habitação temporária, espécies de bivaques, de campos onde descansem de uma demasiada longa erraticidade, estado este sempre um tanto penoso. São, entre os outros mundos, posições intermédias, graduadas de acordo com a natureza dos Espíritos que a elas podem ter acesso e onde eles gozam de maior ou menor bem-estar.”

**a)** — Os Espíritos que habitam esses mundos podem deixá-los livremente?

“Sim, os Espíritos que se encontram nesses mundos podem deixá-los, a fim de irem para onde devam ir. Figurai-os como bandos de aves que pousam numa ilha, para aí aguardarem que se lhes refaçam as forças, a fim de seguirem seu destino.”

**235.** Enquanto permanecem nos mundos transitórios, os Espíritos progredem?

“Certamente. Os que vão a tais mundos levam o objetivo de se instruírem e de poderem mais facilmente obter permissão para passar a outros lugares melhores e chegar à perfeição que os eleitos atingem.”

**236.** Pela sua natureza especial, os mundos transitórios se conservam perpetuamente destinados aos Espíritos errantes?

“Não, a condição deles é meramente temporária.”

**A)** — Esses mundos são ao mesmo tempo, habitados por seres corpóreos?

“Não; estéril é neles a superfície. Os que os habitam de nada precisam.”

**B)** — É permanente essa esterilidade e decorre da natureza especial que apresentam?

“Não; são estéreis transitoriamente.”

**C)** — Os mundos dessa categoria carecem então de belezas naturais?

“A Natureza reflete as belezas da imensidade, que não são menos admiráveis do que aquilo a que dais o nome de belezas naturais.”

**D)** — Sendo transitório o estado de semelhantes mundos, a Terra pertencerá algum dia ao número deles?

“Já pertenceu.”

**E)** — Em que época?

“Durante a sua formação.”

Nada é inútil em a Natureza; tudo tem um fim, uma destinação.

Em lugar algum há o vazio; tudo é habitado, há vida em toda parte. Assim, durante a dilatada sucessão dos séculos que passaram antes do aparecimento do homem na Terra, durante os lentos períodos de transição que as camadas geológicas atestam, antes mesmo da formação dos primeiros seres orgânicos, naquela massa informe, naquele árido caos, onde os elementos se achavam em confusão, não havia ausência de vida. Seres isentos das nossas necessidades, das nossas sensações físicas, lá encontravam refúgio. Quis Deus que, mesmo assim, ainda imperfeita, a Terra servisse para alguma coisa. Quem ousaria afirmar que, entre os milhares de mundos que giram na imensidade, um só, um dos menores, perdido no seio da multidão infinita deles, goza do privilégio exclusivo de ser povoado? Qual então a utilidade dos demais?

Tê-los ia Deus feito unicamente para nos recrearem a vista?

Suposição absurda, incompatível com a sabedoria que esplende em todas as suas obras e inadmissível desde que ponderemos na existência de todos os que não podemos perceber. Ninguém contestará que, nesta idéia da existência de mundos ainda impróprios para a vida material e, não obstante, já povoados de seres vivos apropriados a tal meio, há qualquer coisa de grande e sublime, em que talvez se encontre a solução de mais de um problema.

28 – 26/10/2007

O Consolador – (Thiago Bernardes)

### Mundos Transitórios

#### Finalidade dos mundos transitórios

1. Mundos transitórios são mundos destinados particularmente aos seres errantes, mundos que lhes podem servir de habitação temporária, espécies de campos onde descansam de uma longa erraticidade, estado esse sempre um tanto penoso.

São, entre os outros mundos, posições intermediárias graduadas de acordo com a natureza dos Espíritos que a elas podem ter acesso e onde gozam de maior ou menor bem-estar.

2. Os mundos transitórios não se prestam à encarnação de seres corpóreos, porque estéril é neles a superfície e os que os habitam de nada precisam.

Essa esterilidade é, contudo, transitória.

A Terra, por exemplo, já foi um mundo transitório “durante a sua formação”.

Hoje é um planeta de expiação e provas, prestando-se, portanto, à encarnação e reencarnação de Espíritos necessitados de passar pelas vicissitudes que o planeta oferece.

#### Regiões ou esferas espirituais

3. Vizinhas à Crosta da Terra, no plano extrafísico, existem regiões ou esferas espirituais de diferentes graus evolutivos, caracterizando-se desde simples postos a verdadeiras cidades espirituais.

Essas regiões se dividem gradativamente em lugares de sofrimento e ignorância até aqueles onde o Espírito, em estado de maior entendimento, é feliz.

Considerando a penitência em sua feição expiatória, existem numerosos lugares de provações na esfera para nós invisível, destinados à regeneração e preparo de entidades perversas ou renitentes no crime, a fim de conhecerem as primeiras manifestações do remorso e do arrependimento, etapas iniciais da obra de redenção.

Estas fazem parte das chamadas zonas inferiores.

4. A série “Nosso Lar” nos esclarece a respeito dessas diversas regiões espirituais.

Na obra “Libertação”, cap. 4, há referência a uma cidade situada “no vasto domínio das trevas”, limítrofe com a Terra, assim descrita por André Luiz: “A claridade solar jazia diferenciada.

Fumo cinzento cobria o céu em toda a sua extensão.

A volitação fácil se fizera impossível.

A vegetação exibia aspecto sinistro e angustiado.

As árvores não se vestiam de folhagem farta e os galhos, quase secos, davam a idéia de braços erguidos em súplicas dolorosas.

Aves agoureiras, de grande tamanho, de uma espécie que pode ser situada entre os Corvídeos, crocitavam em surdina, semelhando-se a pequenos monstros alados espiando presas ocultas.

O que mais contristava, porém, não era o quadro desolador, mais ou menos semelhante a outros de meu conhecimento, e, sim, os apelos cortantes que provinham dos charcos.

Gemidos tipicamente humanos eram pronunciados em todos os tons”.

5. No livro “Voltei”, de Irmão Jacob, o autor nos fala de uma colônia espiritual situada em esferas mais elevadas: “A estrada que percorríamos marginava-se de flores, algumas delas como que talhadas em radiosa substância, o que convertia a paisagem numa cópia do firmamento.

Árvores próximas pareciam cobertas de estrelas.

A que país, afinal, fora eu arrebatado pela morte? Teria subido a Terra ao Céu ou teria o Céu baixado para a Terra? Vi desdobrar-se ante meus olhos enlevados a paisagem florida e brilhante de um burgo feliz.



## O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VI)

Atravessávamos extensas e formosas avenidas marginadas por vegetação caprichosa e linda, quando tive o contentamento de ver alguns pássaros marcados por peregrina beleza. Cantavam estáticos, glorificando a Divindade”.

### **Kardec e os mundos transitórios**

6. Seriam os mundos transitórios, de que os Espíritos Superiores falaram a Kardec, essas mesmas colônias ou regiões espirituais que André Luiz descreve? Evidente que tais locais são destinados aos Espíritos desencarnados, ainda necessitados de reencarnações (portanto, Espíritos errantes), e intimamente ligados ao nosso planeta pelas ações cometidas no pretérito.

O fato de os Espíritos que fizeram “O Livro dos Espíritos” terem afirmado que a Terra foi um mundo transitório na sua formação planetária levou Kardec a dizer: “Assim, durante a dilatada sucessão dos séculos que passaram antes do aparecimento do homem na Terra durante os lentos períodos de transição que as camadas geológicas atestam, antes mesmo da formação dos primeiros seres orgânicos, naquela massa informe, naquele árido caos, onde os elementos se achavam em confusão, não havia ausência de vida. Seres isentos das nossas necessidades, das nossas sensações físicas, lá encontravam refúgio.

Quis Deus que, mesmo assim, ainda imperfeita, a Terra servisse para alguma coisa. Quem ousaria afirmar que, entre os milhares, de mundo que giram na imensidade, um só, um dos menores, perdido no seio da multidão infinita deles, goza do privilégio exclusivo de ser povoado? Qual então a utilidade dos demais? Tê-los ia Deus feito unicamente para nos recrearem a vista? Suposição absurda, incompatível com a sabedoria que esplende em todas as suas obras e inadmissível desde que ponderemos na existência de todos os que não podemos perceber”.

7. Segundo Emmanuel, podemos conceituar de três maneiras, para efeito de estudo, a palavra “moradas” mencionada no Evangelho de Jesus:

- a) Os mundos que formam o Universo, onde outras humanidades realizam a marcha evolutiva.
- b) As diversas zonas espirituais superiores ou inferiores, além das fronteiras físicas, onde a vida palpita com a mesma intensidade das metrópoles humanas.
- c) Os vários departamentos da mente, onde se demoram pensamentos e reações, dramas e tragédias, anseios e realidades do Espírito.

8. Ninguém poderá imaginar quantos mundos habitados realmente existem, mas nenhum espírita põe em dúvida que inúmeras humanidades vivem nesses mundos, felizes, uns, infelizes, outros. Os departamentos da mente são outras tantas “moradas individuais”, como repositório das realizações mais ou menos felizes das inteligências encarnadas ou desencarnadas.

### **Comunidades redimidas**

9. No que toca às diversas regiões espirituais, sabemos que comunidades redimidas habitam zonas mais elevadas da espiritualidade, às quais obreiros dedicados são periodicamente conduzidos em processo estimulante do esforço pessoal.

Em faixas vibratórias mais ligadas à Terra, estacionam, temporariamente, almas ainda vinculadas às sensações e problemas da vida física, uma vez que o peso específico de suas organizações perispirituais apresenta certa densidade que não lhes permite as grandes ascensões.

10. Esses mundos, como o nome indica, não teriam a superfície física eternamente estéril. Como tudo no Universo evolui, eles e os Espíritos são submetidos à lei do progresso.

Os Espíritos que se encontram nesses mundos podem deixá-los, a fim de irem para onde devam ir. Figuremo-los como bandos de aves que pousam numa ilha, para aí aguardarem que se lhes refaçam as forças, a fim de seguirem seu destino.

11. Concluindo, diremos que os mundos transitórios possivelmente fazem parte dos corpos celestes, espalhados pelo Universo, podendo ser um planeta, um satélite ou algo similar.

## **O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VI)**

Já regiões espirituais, também denominadas zonas, colônias ou esferas, correspondem às coletividades desencarnadas existentes nos planos dos Espíritos e vinculadas a esse ou àquele planeta.

O campo magnético da Terra seria, por exemplo, dividido em sete esferas:

- 1 – o Umbral “grosso”;
- 2 – o Umbral médio;
- 3 – o Umbral superior, onde se localiza “Nosso Lar”;
- 4 – região da arte, da cultura e da ciência;
- 5 – região do amor fraterno universal;
- 6 – diretrizes do planeta;
- 7 – abóbada estelar (veja Cidade no Além, cap. IV).

### **Bibliografia:**

**Kardec Allan**, O Livro dos Espíritos, (itens 234 a 236.)

**André Luiz**, Libertação, (psicografia Chico Xavier), (págs. 52 e 53.)

**Emmanuel**, O Consolador, (psicografia Chico Xavier), (pergunta 244.)

**Irmão Jacob**, Voltei, (psicografia Chico Xavier), (págs. 82, 83, 102 e 103.)

**André Luiz**, No Mundo Maior, (psicografia Chico Xavier), (pág. 15.)

**Martins Peralva**, O Pensamento de Emmanuel, (págs. 23 a 27.)

**Heigorina Cunha**, Cidade no Além, (págs. 68, 69 e 80.)

### III – PERCEPÇÕES, SENSAÇÕES E SOFRIMENTOS DOS ESPÍRITOS

**237.** Uma vez de volta ao mundo dos Espíritos, conserva a alma as percepções que tinha quando na Terra?

“Sim, além de outras de que aí não dispunha, porque o corpo, qual véu sobre elas lançado, as obscurecia. A inteligência é um atributo, que tanto mais livremente se manifesta no Espírito, quanto menos entraves tenha que vencer.”

**238.** São ilimitadas as percepções e os conhecimentos dos Espíritos? Numa palavra: eles sabem tudo?

“Quanto mais se aproximam da perfeição, tanto mais sabem. Se são Espíritos superiores, sabem muito. Os Espíritos inferiores são mais ou menos ignorantes acerca de tudo.”

**239.** Conhecem os Espíritos o princípio das coisas?

“Conforme a elevação e a pureza que hajam atingido.

Os de ordem inferior não sabem mais do que os homens.”

**240.** A duração, os Espíritos a compreendem como nós?

“Não e daí vem que nem sempre nos compreendeis, quando se trata de determinar datas ou épocas.”

Os Espíritos vivem fora do tempo como o compreendemos. A duração, para eles, deixa, por assim dizer, de existir. Os séculos, para nós tão longos, não passam, aos olhos deles, de instantes que se movem na eternidade, do mesmo modo que os relevos do solo se apagam e desaparecem para quem se eleva no espaço.

**241.** Os Espíritos fazem do presente mais precisa e exata idéia do que nós?

“Do mesmo modo que aquele, que vê bem, faz mais exata idéia das coisas do que o cego. Os Espíritos vêem o que não vedes. Tudo apreciam, pois, diversamente do modo por que o fazeis. Mas, também isso depende da elevação deles.”

**242.** Como é que os Espíritos têm conhecimento do passado?

E esse conhecimento lhes é ilimitado?

“O passado, quando com ele nos ocupamos, é presente.

Verifica-se então, precisamente, o que se passa contigo quando recordas qualquer coisa que te impressionou no curso do teu exílio. Simplesmente, como já nenhum véu material nos, tolda a inteligência, lembramo-nos mesmo daquilo que se te apagou da memória. Mas, nem tudo os Espíritos sabem, a começar pela sua própria criação.”

**243.** E o futuro, os Espíritos o conhecem?

“Ainda isto depende da elevação que tenham conquistado.

Muitas vezes, apenas o entreveem, porém nem sempre lhes é permitido revelá-lo. Quando o vêem, parece-lhes presente. À medida que se aproxima de Deus, tanto mais claramente o Espírito descortina o futuro. Depois da morte, a alma vê e apreende num golpe de vista suas passadas migrações, mas não pode ver o que Deus lhe reserva. Para que tal aconteça, preciso é que, ao cabo de múltiplas existências, se haja integrado nele.”

**A)** — Os Espíritos que alcançaram a perfeição absoluta têm conhecimento completo do futuro?

“Completo não se pode dizer, por isso que só Deus é soberano Senhor e ninguém o pode igualar.”

**244.** Os Espíritos veem a Deus?

“Só os Espíritos superiores o veem e compreendem. Os inferiores o sentem e adivinham.”

**A)** — Quando um Espírito inferior diz que Deus lhe proíbe ou permite uma coisa, como sabe que isso lhe vem dele?

## O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VI)

“Ele não vê a Deus, mas sente a sua soberania e, quando não deva ser feita alguma coisa ou dita uma palavra, percebe, como por intuição, a proibição de fazê-la ou dizê-la.

Não tendes vós mesmos pressentimentos, que se vos afiguram avisos secretos, para fazerdes, ou não, isto ou aquilo?

O mesmo nos acontece, se bem que em grau mais alto, pois compreendes que, sendo mais sutil do que as vossas a essência dos Espíritos, podem estes receber melhor as advertências divinas.”

**B)** — Deus transmite diretamente a ordem ao Espírito, ou por intermédio de outros Espíritos?

“Ela não lhe vem direta de Deus. Para se comunicar com Deus, é-lhe necessário ser digno disso. Deus lhe transmite suas ordens por intermédio dos Espíritos imediatamente superiores em perfeição e instrução.”

**245.** O Espírito tem circunscrita a visão como os seres corpóreos?

“Não, ela reside em todo ele.”

**246.** Precisam da luz para ver?

“Vêm por si mesmos, sem precisarem de luz exterior.

Para os Espíritos, não há trevas, salvo as em que podem achar-se por expiação.”

**247.** Para verem o que se passa em dois pontos diferentes, precisam transportar-se a esses pontos? Podem, por exemplo, ver simultaneamente nos dois hemisférios do globo?

“Como o Espírito se transporta aonde queira, com a rapidez do pensamento, pode-se dizer que vê em toda parte ao mesmo tempo. Seu pensamento é suscetível de irradiar, dirigindo-se a um tempo para muitos pontos diferentes, mas esta faculdade depende da sua pureza. Quanto menos puro é o Espírito, tanto mais limitada tem a visão. Só os Espíritos superiores podem com a vista abranger um conjunto.”

No Espírito, a faculdade de ver é uma propriedade inerente à sua natureza e que reside em todo o seu ser, como a luz reside em todas as partes de um corpo luminoso. É uma espécie de lucidez universal que se estende a tudo, que abrange simultaneamente o espaço, os tempos e as coisas, lucidez para a qual não há trevas, nem obstáculos materiais. Compreende-se que deva ser assim. No homem, a visão se dá pelo funcionamento de um órgão que a luz impressiona. Daí se segue que, não havendo luz, o homem fica na obscuridade. No Espírito, como a faculdade de ver constitui um atributo seu, abstração feita de qualquer agente exterior, a visão independe da luz. (Veja-se: Ubiquidade, nº 92.)

**248.** O Espírito vê as coisas tão distintamente como nós?

“Mais distintamente, pois que sua vista penetra onde a vossa não pode penetrar. Nada a obscurece.”

**249.** Percebe os sons?

“Sim, percebe mesmo, sons imperceptíveis para os vossos sentidos obtusos.”

**A)** — No Espírito, a faculdade de ouvir está em todo ele, como a de ver?

“Todas as percepções constituem atributos do Espírito e lhe são inerentes ao ser. Quando o reveste um corpo material, elas só lhe chegam pelo conduto dos órgãos.

Deixam, porém, de estar localizadas, em se achando ele na condição de Espírito livre.”

**250.** Constituindo elas atributos próprios do Espírito, ser-lhe-á possível subtrair-se às percepções?

“O Espírito unicamente vê e ouve o que quer. Dizemos isto de um ponto de vista geral e, em particular, com referência aos Espíritos elevados, porquanto os imperfeitos muitas vezes ouvem e vêem, a seu mau grado, o que lhes possa ser útil ao aperfeiçoamento.”

**251.** São sensíveis à música os Espíritos?

## O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VI)

“Aludes à música terrena? Que é ela comparada à música celeste? a esta harmonia de que nada na Terra vos pode dar idéia? Uma está para a outra como o canto do selvagem para uma doce melodia. Não obstante, Espíritos vulgares podem experimentar certo prazer em ouvir a vossa música, por lhes não ser dado ainda compreenderem outra mais sublime. A música possui infinitos encantos para os Espíritos, por terem eles muito desenvolvidas as qualidades sensitivas. Refiro-me à música celeste, que é tudo o que de mais belo e delicado pode a imaginação espiritual conceber.”

**252.** São sensíveis, os Espíritos, às magnificências da Natureza?

“Tão diferentes são as belezas naturais dos mundos, que longe estamos de as conhecer. Sim, os Espíritos são sensíveis a essas belezas, de acordo com as aptidões que tenham para as apreciar e compreender. Para os Espíritos elevados, há belezas de conjunto que, por assim dizer, apagam as das particularidades.”

**253.** Os Espíritos experimentam as nossas necessidades e sofrimentos físicos?

“Eles os conhecem, porque os sofreram, não os experimentam, porém, materialmente, com vós outros: são Espíritos.”

**254.** E a fadiga, a necessidade de repouso, experimentam-nas?

“Não podem sentir a fadiga, como a entendeis; conseqüentemente, não precisam de descanso corporal, como vós, pois que não possuem órgãos cujas forças devam ser reparadas.

O Espírito, entretanto, repousa, no sentido de não estar em constante atividade. Ele não atua materialmente.

Sua ação é toda intelectual e inteiramente moral o seu repouso.

Quer isto dizer que momentos há em que o seu pensamento deixa de ser tão ativo quanto de ordinário e não se fixa em qualquer objeto determinado. É um verdadeiro repouso, mas de nenhum modo comparável ao do corpo. A espécie de fadiga que os Espíritos são suscetíveis de sentir guarda relação com a inferioridade deles. Quanto mais elevados sejam, tanto menos precisarão de repousar.”

**255.** Quando um Espírito diz que sofre, de que natureza é o seu sofrimento?

“Angústias morais, que o torturam mais dolorosamente do que todos os sofrimentos físicos.”

**256.** Como é então que alguns Espíritos se têm queixado de sofrer frio ou calor?

“É reminiscência do que padecem durante a vida, reminiscência não raro tão aflitiva quanto a realidade. Muitas vezes, no que eles assim dizem apenas há uma comparação mediante a qual, em falta de coisa melhor, procuram exprimir a situação em que se acham. Quando se lembram do corpo que revestiram, têm impressão semelhante à de uma pessoa que, havendo tirado o manto que a envolvia, julga, passado algum tempo, que ainda o traz sobre os ombros.”

### O princípio da ação e reação

#### Liberdade e responsabilidade

1. Se o homem goza da liberdade de pensar, goza igualmente da liberdade de obrar. O livre-arbítrio é apanágio da criatura humana. Sem ele, o homem seria uma máquina.

2. Nas primeiras fases da vida, quase nula é a liberdade, que se desenvolve e muda de objeto com o desenvolvimento das faculdades do indivíduo. A liberdade é a condição necessária da alma humana, que não poderia construir seu destino, caso não a desfrutasse.

3. A liberdade e a responsabilidade são correlativas no ser e aumentam com sua elevação. É a responsabilidade do homem que faz sua dignidade e moralidade. Sem responsabilidade, o homem não seria mais do que um autômato, um brinquedo das forças ambientes. A noção de moralidade é, pois, inseparável da de liberdade.

#### O livre-arbítrio

4. Quando resolvemos fazer ou deixar de fazer alguma coisa, a nossa consciência sempre nos alerta a respeito, aprovando-nos ou censurando-nos. Apesar de essa voz íntima nos alertar, sempre usamos o que foi decidido pela nossa vontade, ou livre-arbítrio. Nada nos coage nos momentos de decisões próprias, daí ser correto afirmar que somos responsáveis pelos nossos atos, que somos os construtores do nosso destino.

5. O livre-arbítrio pode ser, desse modo, definido como a faculdade que tem o indivíduo de determinar sua própria conduta, ou seja, a possibilidade que ele tem de, entre duas ou mais razões suficientes de querer ou de agir, escolher uma delas e fazer que prevaleça sobre as outras.

6. Aceitar que seja a vida guiada por um determinismo onde todos os acontecimentos estão fatalmente preestabelecidos é raciocinar de maneira ingênua, simplória, porque, se assim fosse, o homem não seria um ser pensante, capaz de tomar resoluções e de interferir no progresso. Seria apenas uma máquina robotizada, irresponsável, à mercê dos acontecimentos.

7. O livre-arbítrio, a livre vontade que tem o Espírito de agir, exerce-se principalmente na hora das reencarnações. Escolhendo tal família, certo meio social, ele sabe de antemão quais são as provações que o aguardam, mas compreende, igualmente, a necessidade dessas provações para desenvolver suas qualidades, curar seus defeitos, despir-se de seus preconceitos e vícios.

8. Essas provações podem ser também consequência de um passado nefasto, que é preciso reparar, e ele as aceita com resignação e confiança. O futuro aparece-lhe, então, não em seus pormenores, mas em seus traços mais salientes, isto é, na medida em que esse futuro é a resultante de atos anteriores.

#### A origem dos males

9. A Doutrina Espírita ensina que de duas espécies são as vicissitudes da vida, ou, se se preferir, promanam de duas fontes bem diferentes. Uma têm sua causa na vida presente; outras têm-na fora desta vida.

10. Remontando-se à origem dos males terrestres, reconhecer-se-á que muitos são a consequência natural do caráter e do proceder dos que os suportam.

11. Quantos homens caem por sua própria culpa! Quantos são vítimas de sua imprevidência, de seu orgulho e de sua ambição! Quantos se arruinaram por falta de ordem, de perseverança, pelo

## **O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VI)**

mau proceder, ou por não terem sabido limitar seus desejos! Quantas doenças e enfermidades decorrem da intemperança e dos excessos de todo gênero! Quantos pais são infelizes com seus filhos, porque não lhes combateram desde o princípio as más tendências!

12. A quem, então, há de o homem responsabilizar por todas essas aflições, senão a si mesmo? O homem é, portanto, em grande número de casos, o causador de seus próprios infortúnios.

13. Existem, no entanto, males que se dão sem que ele, ao menos aparentemente, tenha qualquer culpa. São dores e vicissitudes cuja origem se encontra em atos praticados em existências pregressas, como, por exemplo, os acidentes que nenhuma previsão pode impedir; os reveses da fortuna, que frustram todas as precauções ditadas pela prudência; os flagelos naturais, as enfermidades de nascença, sobretudo as que tiram a tantas pessoas os meios de ganhar a vida pelo trabalho, etc.

### **Ação e Reação**

14. Os que nascem nessas condições, sem que tenham feito nada na atual existência para merecer tão triste sorte, colhem agora os efeitos dos seus atos do pretérito, porquanto não há sofrimento sem causa, e a lei de ação e reação, que rege a nossa vida, determina que, se somos livres na sementeira, somos escravos na colheita.

15. Deus nos permite, assim, pelo livre-arbítrio, a responsabilidade de praticar o bem ou a mal, mas, a partir do momento que decidimos o que fazer, essa ação gera uma reação característica, que virá, mais tarde sob a forma de colheita.

16. Explicam-se, dessa forma, pela pluralidade das existências e pela destinação da Terra, como mundo expiatório, as anomalias que apresenta a distribuição da ventura e da desventura entre os bons e os maus neste planeta.

### **Bibliografia:**

**Kardec Allan**, O Evangelho segundo o Espiritismo, (cap. 5, itens 4, 6 e 7.)

**Kardec Allan**, O Livro dos Espíritos, (itens 843, 844, 846, 847, 850, 851 e 852.)

**Calligaris Rodolfo**, As Leis Morais, (pág. 151.)

**Léon Denis**, O Problema do Ser, do Destino e da Dor, (págs. 342 e 346.)

#### IV – ENSAIO TÉCNICO SOBRE A SENSAÇÃO DOS ESPÍRITOS

**257.** O corpo é o instrumento da dor. Se não é a causa primária desta é, pelo menos, a causa imediata. A alma tem a percepção da dor: essa percepção é o efeito.

A lembrança que, da dor a alma conserva pode ser muito penosa, mas não pode ter ação física. De fato, nem o frio, nem o calor são capazes de desorganizar os tecidos da alma, que não é suscetível de congelar-se, nem de queimar-se.

Não vemos todos os dias a recordação ou a apreensão de um mal físico produzirem o efeito desse mal, como se real fora? Não as vemos até causar a morte? Toda gente sabe que aqueles a quem se amputou um membro costumam sentir dor no membro que lhes falta. Certo que aí não está a sede, ou, sequer, o ponto de partida da dor. O que há, apenas, é que o cérebro guardou desta a impressão. Lícito, portanto, será admitir-se que coisa análoga ocorra nos sofrimentos do Espírito após a morte.

Um estudo aprofundado do perispírito, que tão importante papel desempenha em todos os fenômenos espíritas; nas aparições vaporosas ou tangíveis; no estado em que o Espírito vem a encontrar-se por ocasião da morte; na idéia, que tão frequentemente manifesta, de que ainda está vivo; nas situações tão comoventes que nos revelam os dos suicidas, dos supliciados, dos que se deixaram absorver pelos gozos materiais; e inúmeros outros fatos, muita luz lançaram sobre esta questão, dando lugar a explicações que passamos a resumir.

O perispírito é o laço que à matéria do corpo prende o Espírito, que o tira do meio ambiente, do fluido universal.

Participa ao mesmo tempo da eletricidade, do fluido magnético e, até certo ponto, da matéria inerte. Poder-se-ia dizer que é a quintessência da matéria. É o princípio da vida orgânica, porém não o da vida intelectual, que reside no Espírito. É, além disso, o agente das sensações exteriores.

No corpo, os órgãos, servindo-lhes de condutos, localizam essas sensações. Destruído o corpo, elas se tornam gerais.

Daí o Espírito não dizer que sofre mais da cabeça do que dos pés, ou vice-versa. Não se confundam, porém, as sensações do perispírito, que se tornou independente, com as do corpo. Estas últimas só por termo de comparação as podemos tomar e não por analogia. Liberto do corpo, o Espírito pode sofrer, mas esse sofrimento não é corporal, embora não seja exclusivamente moral, como o remorso, pois que ele se queixa de frio e calor.

Também não sofre mais no inverno do que no verão: temo-los visto atravessar chamas, sem experimentarem qualquer dor. Nenhuma impressão lhes causa, conseqüentemente, a temperatura. A dor que sentem não é, pois, uma dor física propriamente dita: é um vago sentimento íntimo, que o próprio Espírito nem sempre compreende bem, precisamente porque a dor não se acha localizada e porque não a produzem agentes exteriores; é mais uma reminiscência do que uma realidade, reminiscência, porém, igualmente penosa. Algumas vezes, entretanto, há mais do que isso, como vamos ver.

Ensina-nos a experiência que, por ocasião da morte, o perispírito se desprende mais ou menos lentamente do corpo; que, durante os primeiros minutos depois da desencarnação, o Espírito não encontra explicação para a situação em que se acha. Crê não estar morto, por isso que se sente vivo; vê a um lado o corpo, sabe que lhe pertence, mas não compreende que esteja separado dele. Essa situação dura enquanto haja qualquer ligação entre o corpo e o perispírito.

Disse-nos, certa vez, um suicida: “Não, não estou morto.” E acrescentava: No entanto, sinto os vermes a me roerem. Ora, indubitavelmente, os vermes não lhe roíam o perispírito e ainda menos o Espírito; roíam-lhe apenas o corpo. Como, porém, não era completa a separação do corpo e do



## O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VI)

perispírito, uma espécie de repercussão moral se produzia, transmitindo ao Espírito o que estava ocorrendo no corpo.

Repercussão talvez não seja o termo próprio, porque pode induzir à suposição de um efeito muito material. Era antes a visão do que se passava com o corpo, ao qual ainda o conservava ligado o perispírito, o que lhe causava a ilusão, que ele tomava por realidade. Assim, pois, não haveria no caso uma reminiscência, porquanto ele não fora, em vida, roído pelos vermes: havia o sentimento de um fato da atualidade. Isto mostra que deduções se podem tirar dos fatos, quando atentamente observados.

Durante a vida, o corpo recebe impressões exteriores e as transmite ao Espírito por intermédio do perispírito, que constitui, provavelmente, o que se chama fluido nervoso.

Uma vez morto, o corpo nada mais sente, por já não haver nele Espírito, nem perispírito. Este, desprendido do corpo, experimenta a sensação, porém, como já não lhe chega por um conduto limitado, ela se lhe torna geral. Ora, não sendo o perispírito, realmente, mais do que simples agente de transmissão, pois que no Espírito é que está a consciência, lógico será deduzir-se que, se pudesse existir perispírito sem Espírito, aquele nada sentiria, exatamente como um corpo que morreu.

Do mesmo modo, se o Espírito não tivesse perispírito, seria inacessível a toda e qualquer sensação dolorosa. É o que se dá com os Espíritos completamente purificados. Sabemos que quanto mais eles se purificam, tanto mais etérea se torna a essência do perispírito, donde se segue que a influência material diminui à medida que o Espírito progride, isto é, à medida que o próprio perispírito se torna menos grosseiro.

Mas, dir-se-á, desde que pelo perispírito é que as sensações agradáveis, da mesma forma que as desagradáveis, se transmitem ao Espírito, sendo o Espírito puro inacessível a umas, deve sê-lo igualmente às outras. Assim é, de fato, com relação às que provêm unicamente da influência da matéria que conhecemos.

O som dos nossos instrumentos, o perfume das nossas flores nenhuma impressão lhe causam. Entretanto, ele experimenta sensações íntimas, de um encanto indefinível, das quais idéia alguma podemos formar, porque, a esse respeito, somos quais cegos de nascença diante da luz. Sabemos que isso é real; mas, por que meio se produz? Até lá não vai a nossa ciência. Sabemos que no Espírito há percepção, sensação, audição, visão; que essas faculdades são atributos do ser todo e não, como no homem, de uma parte apenas do ser; mas, de que modo ele as tem? Ignoramo-lo. Os próprios Espíritos nada nos podem informar sobre isso, por inadequada a nossa linguagem a exprimir idéias que não possuímos, precisamente como o é, por falta de termos próprios, a dos selvagens, para traduzir idéias referentes às nossas artes, ciências e doutrinas filosóficas.

Dizendo que os Espíritos são inacessíveis às impressões da matéria que conhecemos, referimo-nos aos Espíritos muito elevados, cujo envoltório etéreo não encontra analogia neste mundo. Outro tanto não acontece com os de perispírito mais denso, os quais percebem os nossos sons e odores, não, porém, apenas por uma parte limitada de suas individualidades, conforme lhes sucedia quando vivos.

Pode-se dizer que, neles, as vibrações moleculares se fazem sentir em todo o ser e lhes chegam assim ao sensorium commune, que é o próprio Espírito, embora de modo diverso e talvez, também, dando uma impressão diferente, o que modifica a percepção. Eles ouvem o som da nossa voz, entretanto nos compreendem sem o auxílio da palavra, somente pela transmissão do pensamento. Em apoio do que dizemos há o fato de que essa penetração é tanto mais fácil, quanto mais desmaterializado está o Espírito. Pelo que concerne à vista, essa, para o Espírito, independe da luz, qual a temos.

## O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VI)

A faculdade de ver é um atributo essencial da alma, para quem a obscuridade não existe. É, contudo, mais extensa, mais penetrante nas mais purificadas. A alma, ou o Espírito, tem, pois, em si mesma, a faculdade de todas as percepções. Estas, na vida corpórea, se obliteram pela grosseria dos órgãos do corpo; na vida extracorpórea se vão desanuviando, à proporção que o invólucro semimaterial se eteriza.

Haurido do meio ambiente, esse invólucro varia de acordo com a natureza dos mundos. Ao passarem de um mundo a outro, os Espíritos mudam de envoltório, como nós mudamos de roupa, quando passamos do inverno ao verão, ou do polo ao equador. Quando vêm visitar-nos, os mais elevados se revestem do perispírito terrestre e então suas percepções se produzem como no comum dos Espíritos. Todos, porém, assim os inferiores como os superiores, não ouvem, nem sentem, senão o que queiram ouvir ou sentir.

Não possuindo órgãos sensitivos, eles podem, livremente, tornar ativas ou nulas suas percepções. Uma só coisa são obrigados a ouvir — os conselhos dos Espíritos bons.

A vista, essa é sempre ativa; mas, eles podem fazer-se invisíveis uns aos outros. Conforme a categoria que ocupem, podem ocultar-se dos que lhes são inferiores, porém não dos que lhes são superiores. Nos primeiros instantes que se seguem à morte, a visão do Espírito é sempre turbada e confusa. Aclara-se, à medida que ele se desprende, e pode alcançar a nitidez que tinha durante a vida terrena, independentemente da possibilidade de penetrar através dos corpos que nos são opacos. Quanto à sua extensão através do espaço indefinito, do futuro e do passado, depende do grau de pureza e de elevação do Espírito.

Objetarão, talvez: toda esta teoria nada tem de tranquilizadora.

Pensávamos que, uma vez livres do nosso grosseiro envoltório, instrumento das nossas dores, não mais sofreríamos e eis nos informais de que ainda sofreremos.

Desta ou daquela forma, será sempre sofrimento. Ah! Sim, pode dar-se que continuemos a sofrer, e muito, e por longo tempo, mas também que deixemos de sofrer, até mesmo desde o instante em que se nos acabe a vida corporal.

Os sofrimentos deste mundo independem, algumas vezes, de nós; muito mais vezes, contudo, são devidos à nossa vontade. Remonte cada um à origem deles e verá que a maior parte de tais sofrimentos são efeitos de causas que lhe teria sido possível evitar. Quantos males, quantas enfermidades não deve o homem aos seus excessos, à sua ambição, numa palavra: às suas paixões? Aquele que sempre vivesse com sobriedade, que de nada abusasse, que fosse sempre simples nos gostos e modesto nos desejos, a muitas tribulações se forraria. O mesmo se dá com o Espírito.

Os sofrimentos por que passa são sempre a consequência da maneira por que viveu na Terra. Certo já não sofrerá mais de gota, nem de reumatismo; no entanto, experimentará outros sofrimentos que nada ficam a dever àqueles.

Vimos que seu sofrer resulta dos laços que ainda o prendem à matéria; que quanto mais livre estiver da influência desta, ou, por outra, quanto mais desmaterializado se achar, menos dolorosas sensações experimentará. Ora, está nas suas mãos libertar-se de tal influência desde a vida atual.

Ele tem o livre-arbítrio, tem, por conseguinte, a faculdade de escolha entre o fazer e o não fazer. Dome suas paixões animais; não alimente ódio, nem inveja, nem ciúme, nem orgulho; não se deixe dominar pelo egoísmo; purifique-se, nutrindo bons sentimentos; pratique o bem; não ligue às coisas deste mundo importância que não merecem; e, então, embora revestido do invólucro corporal, já estará depurado, já estará liberto do jugo da matéria e, quando deixar esse invólucro, não mais lhe sofrerá a influência.

Nenhuma recordação dolorosa lhe advirá dos sofrimentos físicos que haja padecido; nenhuma impressão desagradável eles lhe deixarão, porque apenas terão atingido o corpo e não a alma.

## **O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VI)**

Sentir-se-á feliz por se haver libertado deles e a paz da sua consciência o isentará de qualquer sofrimento moral.

Interrogamos, aos milhares, Espíritos que na Terra pertenceram a todas as classes da sociedade, ocuparam todas as posições sociais; estudamo-los em todos os períodos da vida espírita, a partir do momento em que abandonaram o corpo; acompanhamo-los passo a passo na vida de além-túmulo, para observar as mudanças que se operavam neles, nas suas idéias, nos seus sentimentos e, sob esse aspecto, não foram os que aqui se contaram entre os homens mais vulgares os que nos proporcionaram menos preciosos elementos de estudo.

Ora, notamos sempre que os sofrimentos guardavam relação com o proceder que eles tiveram e cujas consequências experimentavam; que a outra vida é fonte de inefável ventura para os que seguiram o bom caminho. Deduz-se daí que, aos que sofrem, isso acontece porque o quiseram; que, portanto, só de si mesmos se devem queixar, quer no outro mundo, quer neste.

**Ensaio Técnico sobre as sensações e percepções dos Espíritos**

**Espírito não é um ser imaterial, mas incorpóreo**

1. Em resposta à questão nº 82 de O Livro dos Espíritos, os imortais disseram, a respeito da natureza do Espírito, que o vocábulo imaterial não seria o mais apropriado para defini-lo. Incorpóreo, sim, esse seria o termo mais exato, porque o Espírito, sendo o resultado de uma criação, há de ser alguma coisa. A substância que o constitui é, contudo, tão etérea que escapa inteiramente ao alcance dos nossos sentidos.

2. Em face da informação acima, deduz-se que as sensações e percepções dos Espíritos são diferentes, conforme seu grau evolutivo e o estado de encarnação ou desencarnação em que se encontrem. É preciso, portanto, para melhor compreender as nuances desse fato, lembrar as condições em que vivem os Espíritos no plano carnal e no plano espiritual, como adiante veremos.

3. Há no homem três elementos:

1º a alma ou Espírito, princípio inteligente, sede do senso moral;

2º o corpo material, invólucro grosseiro, de que o Espírito se reveste temporariamente, em cumprimento de certos desígnios providenciais;

3º o perispírito, envoltório fluídico semimaterial, que serve de ligação entre a alma e o corpo.

4. Durante a vida corpórea, o corpo recebe impressões exteriores e as transmite ao Espírito por intermédio do perispírito. As percepções e sensações ficam, por causa disso, sensivelmente reduzidas, porquanto, isolado na concha milagrosa do corpo, o Espírito está reduzido em suas percepções aos limites que se fazem necessários. Por exemplo, ninguém, salvo em casos especiais, tem acesso fácil às lembranças de suas existências passadas.

5. Afirma Emmanuel que a esfera sensorial funciona, para o Espírito, à maneira de câmara abafadora. Visão, audição, tato padecem enormes restrições. O cérebro físico é como um gabinete escuro, proporcionando-lhe ensejo de recapitular e reaprender. Conhecimentos adquiridos e hábitos profundamente arraigados aí jazem na forma estática de intuições e tendências.

**Logo após a desencarnação, muitos ignoram esse fato**

6. No plano espiritual, a situação se modifica inteiramente. Ensina o Espiritismo que, por ocasião da morte, o perispírito se desprende mais ou menos lentamente do corpo e, por isso, durante os primeiros minutos após a desencarnação, o Espírito não encontra explicação para a situação em que se acha. Crê não estar morto, porque se sente vivo. Vê a um lado o corpo material e sabe que lhe pertence, mas não compreende que esteja separado dele. Essa situação dura enquanto haja ligação entre o corpo e o perispírito.

7. Esse fato leva muitas vezes o Espírito a ter sensações de dor, frio, calor e a sentir, algumas vezes, até os vermes corroerem o seu corpo físico em decomposição. Ora, sabemos que os vermes não lhe roem o perispírito, do mesmo modo que ele não está mais sujeito às sensações físicas de frio, calor e dor. É que, não sendo completa a separação entre o corpo e o perispírito, existe uma repercussão moral que transmite ao Espírito ocorrências dessa natureza.

8. Inúmeras vezes já não existe ligação entre o corpo e o perispírito, pois o primeiro já se decompôs, e, no entanto, a lembrança e a sensação do fato ocorrido repercutem por muitos anos, mantendo a impressão de que aquele fato se dá na atualidade.

## **O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VI)**

9. Há, por outro lado, Espíritos detentores de maior grau de evolução que se tornam inacessíveis às sensações mencionadas. Seu perispírito menos denso e as percepções mais apuradas não permitem que se dê a repercussão de sensações tipicamente materiais.

### **Muitos sofrimentos são ocasionados por nós mesmos**

10. Os sofrimentos deste mundo – ensina Kardec – independem, algumas vezes, de nós, mas em muito maior número são devidos à nossa vontade. Remontemos à origem deles e veremos que a maior parte dos nossos sofrimentos são a consequência de causas que poderíamos ter evitado.

11. Quantos males, quantas doenças, quantas aflições não deve o homem aos seus excessos, à sua ambição, numa palavra: às suas paixões? Aquele que vivesse com sobriedade, que de nada abusasse, que fosse sempre simples nos gostos e modesto nos desejos, a muitas tribulações se forraria. Dá-se o mesmo com o Espírito. Os sofrimentos por que passa são sempre a consequência da maneira por que viveu na Terra.

12. Certamente, no plano espiritual, não sofrerá mais de gota, nem de reumatismo, mas experimentará outros sofrimentos que nada ficam a dever àqueles. Seu sofrer resulta dos laços que ainda o prendem à matéria. Quanto mais livre estiver da influência desta, menos sensações dolorosas experimentará. Está, pois, nas suas mãos libertar-se de tal influência desde a vida atual.

13. Domando suas paixões animais; não alimentando ódio, nem inveja, nem ciúme, nem orgulho; não se deixando dominar pelo egoísmo; purificando-se, nutrindo bons sentimentos, praticando o bem; não ligando às coisas deste mundo importância que não merecem – o Espírito, ainda que revestido do invólucro corporal, já estará depurado, já estará liberto do jugo da matéria e, sendo assim, quando deixar esse invólucro, não mais lhe sofrerá qualquer influência.

### **Bibliografia:**

**Kardec Allan**, O Livro dos Espíritos, (itens 82 e 257.)

**Kardec Allan**, O Livro dos Médiuns, (item 54.)

**Emmanuel**, Roteiro, (pág. 15.)

## V – ESCOLHA DAS PROVAS

**258.** Quando na erraticidade, antes de começar nova existência corporal, tem o Espírito consciência e previsão do que lhe sucederá no curso da vida terrena?

“Ele próprio escolhe o gênero de provas por que há de passar e nisso consiste o seu livre-arbítrio.”

**a)** — Não é Deus, então, quem lhe impõe as tribulações da vida, como castigo?

“Nada ocorre sem a permissão de Deus, porquanto foi Deus quem estabeleceu todas as leis que regem o Universo.

Ide agora perguntar por que decretou ele está lei e não aquela.

Dando ao Espírito a liberdade de escolher, Deus lhe deixa a inteira responsabilidade de seus atos e das conseqüências que estes tiverem. Nada lhe estorva o futuro; abertos se lhe acham, assim, o caminho do bem, como o do mal. Se vier a sucumbir, restar-lhe-á a consolação de que nem tudo se lhe acabou e que a bondade divina lhe concede a liberdade de recomeçar o que foi malfeito. Demais, cumpre se distinga o que é obra da vontade de Deus do que o é da do homem. Se um perigo vos ameaça, não fostes vós quem o criou e sim Deus. Vosso, porém, foi o desejo de a ele vos expordes, por haverdes visto nisso um meio de progredirdes, e Deus o permitiu.”

**259.** Do fato de pertencer ao Espírito a escolha do gênero de provas que deva sofrer, seguir-se-á que todas as tribulações que experimentamos na vida nós as previmos e buscamos?

“Todas, não, porque não escolhestes e previstes tudo o que vos sucede no mundo, até as mínimas coisas.

Escolhestes apenas o gênero das provações. As particularidades correm por conta da posição em que vos achais; são, muitas vezes, conseqüências das vossas próprias ações.

Escolhendo, por exemplo, nascer entre malfeitores, sabia o Espírito a que arrastamentos se expunha; ignorava, porém, quais os atos que viria a praticar. Esses atos resultam do exercício da sua vontade, ou do seu livre-arbítrio. Sabe o Espírito que, escolhendo tal caminho, terá que sustentar lutas de determinada espécie; sabe, portanto, de que natureza serão as vicissitudes que se lhe depararão, mas ignora se se verificará este ou aquele êxito. Os acontecimentos secundários se originam das circunstâncias e da força mesma das coisas.

Previstos só são os fatos principais, os que influem no destino. Se tomares uma estrada cheia de sulcos profundos, sabes que terás de andar cautelosamente, porque há muitas probabilidades de caíres; ignoras, contudo, em que ponto cairás e bem pode suceder que não caias, se fores bastante prudente. Se, ao percorreres uma rua, uma telha te cair na cabeça, não creias que estava escrito, segundo vulgarmente se diz.”

**260.** Como pode o Espírito desejar nascer entre gente de má vida?

“Forçoso é que seja posto num meio onde possa sofrer a prova que pediu. Pois bem! É necessário que haja analogia.

Para lutar contra o instinto do roubo, preciso é que se ache em contacto com gente dada à prática de roubar.”

**A)** — Assim, se não houvesse na Terra gente de maus costumes, o Espírito não encontraria aí meio apropriado ao sofrimento de certas provas?

“E seria isso de lastimar-se? É o que ocorre nos mundos superiores, onde o mal não penetra. Eis por que, nesses mundos, só há Espíritos bons. Fazei que em breve o mesmo se dê na Terra.”

**261.** Nas provações por que lhe cumpre passar para atingir a perfeição, tem o Espírito que sofrer tentações de todas as naturezas? Tem que se achar em todas as circunstâncias que possam excitar-lhe o orgulho, a inveja, a avareza, a sensualidade, etc.?

“Certo que não, pois bem sabeis haver Espíritos que desde o começo tomam um caminho que os exime de muitas provas. Aquele, porém, que se deixa arrastar para o mau caminho, corre todos os perigos que o inçam. Pode um Espírito, por exemplo, pedir a riqueza e ser-lhe esta concedida.

## O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VI)

Então, conforme o seu caráter, poderá tornar-se avaro ou pródigo, egoísta ou generoso, ou ainda lançar-se a todos os gozos da sensualidade. Daí não se segue, entretanto, que haja de forçosamente passar por todas estas tendências.”

**262.** Como pode o Espírito, que, em sua origem, é simples, ignorante e carecido de experiência, escolher uma existência com conhecimento de causa e ser responsável por essa escolha?

“Deus lhe supre a inexperiência, traçando-lhe o caminho que deve seguir, como fazeis com a criancinha. Deixa-o, porém, pouco a pouco, à medida que o seu livre-arbítrio se desenvolve, senhor de proceder à escolha e só então é que muitas vezes lhe acontece extraviar-se, tomando o mau caminho, por desatender os conselhos dos bons Espíritos. A isso é que se pode chamar a queda do homem.”

**A)** — Quando o Espírito goza do livre-arbítrio, a escolha da existência corporal dependerá sempre exclusivamente de sua vontade, ou essa existência lhe pode ser imposta, como expiação, pela vontade de Deus?

“Deus sabe esperar, não apressa a expiação. Todavia, pode impor certa existência a um Espírito, quando este, pela sua inferioridade ou má vontade, não se mostra apto a compreender o que lhe seria mais útil, e quando vê que tal existência servirá para a purificação e o progresso do Espírito, ao mesmo tempo que lhe sirva de expiação.”

**263.** O Espírito faz a sua escolha logo depois da morte?

“Não, muitos acreditam na eternidade das penas, o que, como já se vos disse, é um castigo.”

**264.** Que é o que dirige o Espírito na escolha das provas que queira sofrer?

“Ele escolhe, de acordo com a natureza de suas faltas, as que o levem à expiação destas e a progredir mais depressa.

Uns, portanto, impõem a si mesmos uma vida de misérias e privações, objetivando suportá-las com coragem; outros preferem experimentar as tentações da riqueza e do poder, muito mais perigosas, pelos abusos e má aplicação a que podem dar lugar, pelas paixões inferiores que uma e outros desenvolvem; muitos, finalmente, se decidem a experimentar suas forças nas lutas que terão de sustentar em contacto com o vício.”

**265.** Havendo Espíritos que, por provação, escolhem o contacto do vício, outros não haverá que o busquem por simpatia e pelo desejo de viverem num meio conforme aos seus gostos, ou para poderem entregar-se materialmente a seus pendores materiais?

“Há, sem dúvida, mas tão-somente entre aqueles cujo senso moral ainda está pouco desenvolvido. A prova vem por si mesma e eles a sofrem mais demoradamente. Cedo ou tarde, compreendem que a satisfação de suas paixões brutais lhes acarretou deploráveis consequências, que eles sofrerão durante um tempo que lhes parecerá eterno. E Deus os deixará nessa persuasão, até que se tornem conscientes da falta em que incorreram e peçam, por impulso próprio, lhes seja concedido resgatá-la, mediante úteis provações.”

**266.** Não parece natural que se escolham as provas menos dolorosas?

“Pode parecer-vos a vós; ao Espírito, não. Logo que este se desliga da matéria, cessa toda ilusão e outra passa a ser a sua maneira de pensar.”

Sob a influência das idéias carnais, o homem, na Terra, só vê das provas o lado penoso. Tal a razão de lhe parecer natural sejam escolhidas as que, do seu ponto de vista, podem coexistir com os gozos materiais. Na vida espiritual, porém, compara esses gozos fugazes e grosseiros com a inalterável felicidade que lhe é dado entrever e desde logo nenhuma impressão mais lhe causam os passageiros sofrimentos terrenos. Assim, pois, o Espírito pode escolher prova muito rude e, conseqüentemente, uma angustiada existência, na esperança de alcançar depressa um estado melhor, como o doente escolhe muitas vezes o remédio mais desagradável para se curar de

## O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VI)

pronto. Aquele que intenta ligar seu nome à descoberta de um país desconhecido não procura trilhar estrada florida. Conhece os perigos a que se arrisca, mas também sabe que o espera a glória, se lograr bom êxito.

A doutrina da liberdade que temos de escolher as nossas existências e as provas que devemos sofrer deixa de parecer singular, desde que se atenda a que os Espíritos, uma vez desprendidos da matéria, apreciam as coisas de modo diverso da nossa maneira de apreciá-los. Divisam a meta, que bem diferente é para eles dos gozos fugitivos do mundo. Após cada existência, vêem o passo que deram e compreendem o que ainda lhes falta em pureza para atingirem aquela meta. Daí o se submeterem voluntariamente a todas as vicissitudes da vida corpórea, solicitando as que possam fazer que a alcancem mais presto. Não há, pois, motivo de espanto no fato de o Espírito não preferir a existência mais suave. Não lhe é possível, no estado de imperfeição em que se encontra, gozar de uma vida isenta de amarguras. Ele o percebe e, precisamente para chegar a fruí-la, é que trata de se melhorar.

Não vemos, aliás, todos os dias, exemplos de escolhas tais?

Que faz o homem que passa uma parte de sua vida a trabalhar sem trégua, nem descanso, para reunir haveres que lhe assegurem o bem-estar, senão desempenhar uma tarefa que a si mesmo se impôs, tendo em vista melhor futuro? O militar que se oferece para uma perigosa missão, o navegante que afronta não menores perigos, por amor da Ciência ou no seu próprio interesse, que fazem, também eles, senão sujeitar-se a provas voluntárias, de que lhes advirão honras e proveito, se não sucumbirem? A que se não submete ou expõe o homem pelo seu interesse ou pela sua glória? E os concursos não são também todas provas voluntárias a que os concorrentes se sujeitam, com o fito de avançarem na carreira que escolheram?

Ninguém galga qualquer posição nas ciências, nas artes, na indústria, senão passando pela série das posições inferiores, que são outras tantas provas. A vida humana é, pois, cópia da vida espiritual; nela se nos deparam em ponto pequeno todas as peripécias da outra. Ora, se na vida terrena muitas vezes escolhemos duras provas, visando posição mais elevada, por que não haveria o Espírito, que enxerga mais longe que o corpo e para quem a vida corporal é apenas incidente de curta duração, de escolher uma existência árdua e laboriosa, desde que o conduza à felicidade eterna? Os que dizem que pedirão para ser príncipes ou milionários, uma vez que ao homem é que caiba escolher a sua existência, se assemelham aos míopes, que apenas vêem aquilo em que tocam, ou a meninos gulosos, que, a quem os interroga sobre isso, respondem que desejam ser pasteleiros ou doceiros.

O viajante que atravessa profundo vale ensombrado por espesso nevoeiro não logra apanhar com a vista a extensão da estrada por onde vai, nem os seus pontos extremos. Chegando, porém, ao cume da montanha, abrange com o olhar quanto percorreu do caminho e quanto lhe resta dele a percorrer. Divisa-lhe o termo, vê os obstáculos que ainda terá de transpor e combina então os meios mais seguros de atingi-lo. O Espírito encarnado é qual viajante no sopé da montanha. Desenleado dos liames terrenais, sua visão tudo domina, como a daquele que subiu à crista da serrania. Para o viajante, no termo da sua jornada está o repouso após a fadiga; para o Espírito, está a felicidade suprema, após as tribulações e as provas.

Dizem todos os Espíritos que, na erraticidade, eles se aplicam a pesquisar, estudar, observar, a fim de fazerem a sua escolha. Na vida corporal não se nos oferece um exemplo deste fato? Não levamos, frequentemente, anos a procurar a carreira pela qual afinal nos decidimos, certos de ser a mais apropriada a nos facilitar o caminho da vida? Se numa o nosso intento se malogra, recorremos a outra. Cada uma das que abraçamos representa uma fase, um período da vida. Não nos ocupamos cada dia em cogitar do que faremos no dia seguinte? Ora, que são, para o Espírito, as diversas existências corporais, senão fases, períodos, dias da sua vida espírita, que é, como sabemos, a vida normal, visto que a outra é transitória, passageira?



## O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VI)

**267.** Pode o Espírito proceder à escolha de suas provas, enquanto encarnado?

“O desejo que então alimenta pode influir na escolha que venha a fazer, dependendo isso da intenção que o anime.

Dá-se, porém, que, como Espírito livre, quase sempre vê as coisas de modo diferente. O Espírito por si só é quem faz a escolha; entretanto, ainda uma vez o dizemos, possível lhe é fazê-la, mesmo na vida material, por isso que há sempre momentos em que o Espírito se torna independente da matéria que lhe serve de habitação.”

**A)** — Não é decerto como expiação, ou como prova, que muita gente deseja as grandezas e as riquezas. Será?

“Indubitavelmente, não. A matéria deseja essa grandeza para gozá-la e o Espírito para conhecer-lhe as vicissitudes.”

**268.** Até que chegue ao estado de pureza perfeita, tem o Espírito que passar constantemente por provas?

“Sim, mas que não são como o entendeis, pois que só considerais provas as tribulações materiais. Ora, havendo-se elevado a um certo grau, o Espírito, embora não seja ainda perfeito, já não tem que sofrer provas. Continua, porém, sujeito a deveres nada penosos, cuja satisfação lhe auxilia o aperfeiçoamento, mesmo que consistam apenas em auxiliar os outros a se aperfeiçoarem.”

**269.** Pode o Espírito enganar-se quanto à eficiência da prova que escolheu?

“Pode escolher uma que esteja acima de suas forças e sucumbir. Pode também escolher alguma que nada lhe aproveite, como sucederá se buscar vida ociosa e inútil. Mas, então, voltando ao mundo dos Espíritos, verifica que nada ganhou e pede outra que lhe faculte recuperar o tempo perdido.”

**270.** A que se devem atribuir as vocações de certas pessoas e a vontade que sentem de seguir uma carreira de preferência a outra?

“Parece-me que vós mesmos podeis responder a esta pergunta. Pois não é isso a consequência de tudo o que acabamos de dizer sobre a escolha das provas e sobre o progresso efetuado em existência anterior?”

**271.** Estudando, na erraticidade, as diversas condições em que poderá progredir, como pensa o Espírito consegui-lo, nascendo, por exemplo, entre canibais?

“Entre canibais não nascem Espíritos já adiantados, mas Espíritos da natureza dos canibais, ou ainda inferiores aos destes.”

Sabemos que os nossos antropófagos não se acham no último degrau da escala espiritual e que mundos há onde a bruteza e a ferocidade não têm analogia na Terra. Os Espíritos que aí encarnam são, portanto, inferiores aos mais ínfimos que no nosso mundo encarnam. Para eles, pois, nascer entre os nossos selvagens representa um progresso, como progresso seria, para os antropófagos terrenos, exercerem entre nós uma profissão que os obrigasse a fazer correr sangue. Não podem pôr mais alto suas vistas, porque sua inferioridade moral não lhes permite compreender maior progresso. O Espírito só gradativamente avança. Não lhe é dado transpor de um salto a distância que da civilização separa a barbárie e é esta uma das razões que nos mostram ser necessária a reencarnação, que verdadeiramente corresponde à justiça de Deus. De outro modo, que seria desses milhões de criaturas que todos os dias morrem na maior degradação, se não tivessem meios de alcançar a superioridade? Por que os privaria Deus dos favores concedidos aos outros homens?

**272.** Poderá dar-se que Espíritos vindos de um mundo inferior à Terra, ou de um povo muito atrasado, como os canibais, por exemplo, nasçam no seio de povos civilizados?

## O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VI)

“Pode. Alguns há que se extraviam, por quererem subir muito alto. Mas, nesse caso, ficam deslocados no meio em que nasceram, por estarem seus costumes e instintos em conflito com os dos outros homens.”

Tais seres nos oferecem o triste espetáculo da ferocidade dentro da civilização. Voltando para o meio dos canibais, não sofrem uma degradação; apenas voltam ao lugar que lhes é próprio e com isso talvez até ganhem.

**273.** Será possível que um homem de raça civilizada reencarne, por expiação, numa raça de selvagens?

“É; mas depende do gênero da expiação. Um senhor, que tenha sido de grande crueldade para os seus escravos, poderá, por sua vez, tornar-se escravo e sofrer os maus-tratos que infligiu a seus semelhantes. Um, que em certa época exerceu o mando, pode, em nova existência, ter que obedecer aos que se curvaram ante a sua vontade.

Ser-lhe-á isso uma expiação, que Deus lhe imponha, se ele abusou do seu poder. Também um bom Espírito pode querer encarnar no seio daquelas raças, ocupando posição influente, para fazê-las progredir. Em tal caso, desempenha uma missão.”

**Escolha das Provas**

**O Espírito pode escolher uma prova muito rude**

1. Sob a influência das idéias carnisais, o homem, na Terra, só vê das provas o lado penoso. Eis a razão por que lhe parece natural sejam escolhidas as provas que, do seu ponto de vista, podem coexistir com os gozos materiais.

2. Na vida espiritual, porém, compara esses gozos fugazes e grosseiros com a inalterável felicidade que lhe é dado entrever, e desde logo nenhuma impressão mais lhe causam os passageiros sofrimentos terrenos.

3. Assim, pois, o Espírito pode escolher prova muito rude e, conseguintemente, uma angustiada existência, na esperança de alcançar depressa um estado melhor, como o doente escolhe muitas vezes o remédio mais desagradável para se curar de pronto.

4. Aquele que intenta ligar seu nome à descoberta de um país desconhecido não procura trilhar estrada florida. Conhece os perigos a que se arrisca, mas também sabe que o espera a glória, se lograr bom êxito.

5. A doutrina da liberdade que temos de escolher as nossas existências e as provas que devemos sofrer deixa de parecer singular, desde que se entenda que os Espíritos, uma vez desprendidos da matéria, apreciam as coisas de modo diverso da nossa maneira de apreciá-las. Divisam a meta, que bem diferente é para eles dos gozos fugitivos do mundo.

**A existência terrena é mera cópia da vida espiritual**

6. Após cada existência, veem o passo que deram e compreendem o que ainda lhes falta em pureza para atingirem a meta. Daí o se submeterem voluntariamente a todas as vicissitudes da vida corpórea, solicitando as que possam fazer que a alcancem mais rapidamente.

7. Não há, pois, motivo de espanto no fato de o Espírito não preferir uma existência mais suave. Não lhe é possível, no estado de imperfeição em que se encontra, gozar de uma vida isenta de amarguras. Ele sabe disso e, precisamente para chegar a fruí-la, é que trata de se melhorar.

8. Não vemos, aliás, todos os dias exemplos de escolhas tais? Que faz o homem que passa uma parte de sua vida a trabalhar sem trégua nem descanso, para reunir haveres que lhe assegurem o bem-estar na velhice? O militar que se oferece para uma perigosa missão, o navegante que afronta não menores perigos, por amor da ciência ou no seu próprio interesse, que é que fazem, senão sujeitar-se a provas voluntárias de que lhes advirão honras e proveito, se nelas não sucumbirem?

9. A que sacrifícios não se submete ou se expõe o homem movido por interesses diversos? E os concursos? Não são eles também provas voluntárias a que as pessoas se sujeitam com vistas a avançarem na carreira abraçada? Ninguém galga qualquer posição nas ciências, nas artes, na indústria, senão passando pela série de posições inferiores, que constituem igualmente outras tantas provas.

10. A existência terrena é, pois, cópia da vida espiritual. Nela se nos deparam em ponto pequeno todas as peripécias da outra. Ora, se na existência terrena muitas vezes escolhemos duras provas, visando a uma posição mais elevada, por que não haveria o Espírito – que enxerga muito

## **O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VI)**

mais longe – de escolher uma existência árdua e laboriosa, desde que isso o conduza à felicidade eterna?

### **O encarnado é qual viajante no sopé da montanha**

11. Os que dizem preferir terem nascido príncipes ou milionários, assemelham-se aos míopes, que apenas veem aquilo em que tocam. São como o viajante que atravessa profundo vale ensombrado por espesso nevoeiro. Ele não logra apanhar com a vista a extensão da estrada por onde vai, nem os seus pontos extremos. Chegando, porém, ao cume da montanha, abrange com o olhar quanto percorreu do caminho e quanto ainda lhe resta percorrer. Divisa-lhe o termo, vê os obstáculos que deve transpor e combina então os meios mais seguros de atingi-lo.

12. O Espírito encarnado é qual viajante no sopé da montanha. Desenleado dos liames corpóreos, sua visão a tudo domina, como a daquele que subiu ao topo do monte. Para o viajor, no termo da sua jornada está o repouso após a fadiga; para o Espírito, está a felicidade suprema, após as tribulações e as provas.

13. Dizem os Espíritos que, na erraticidade, eles se aplicam a pesquisar, estudar, observar, para fazerem sua escolha. Não se oferece, na vida corpórea, um exemplo desse fato? Não levamos, frequentemente, anos a procurar a carreira pela qual afinal nos decidimos, certos de ser a mais apropriada a nos facilitar o caminho da vida?

14. Se numa o nosso intento se malogra, recorremos a outra. Cada uma das que abraçamos representa uma fase, um período da vida. Não nos ocupamos cada dia em cogitar do que faremos no dia seguinte? Ora, que são para o Espírito as diversas existências corporais, senão fases, períodos, dias da sua vida de Espírito? E fases – entendamos bem – transitórias, passageiras, porquanto a vida espiritual é que é a vida normal, porque, afinal de contas, somos Espíritos e não um amontoado de ossos e músculos.

### **Bibliografia:**

**Kardec Allan**, O Livro dos Espíritos, (itens 258, 259 e 266.)

**André Luiz**, Os Mensageiros, (Psicografia Chico Xavier), (pp. 41 a 71.)

## Crônicas e Artigos

26 – 12/10/2007

O Consolador – (Eduardo Batista de Oliveira)

### Destino versus escolha das provas

## V. Escolha das Provas

Dogmas são preceitos apresentados como certos e indiscutíveis e cuja verdade se espera que as pessoas aceitem sem questionar.

Por princípio, a Doutrina Espírita não é dogmática, mas, sobretudo, ciência e filosofia, com consequências religiosas.

Por isso, dias atrás, estranhou-me ouvir uma pessoa (querida) afirmar, não sem fundamentação, que via no livre-arbítrio um dogma do Espiritismo.

Segundo sua lógica, o princípio do livre-arbítrio contrariava outro pressuposto do Espiritismo, que é o destino, entendido este no sentido de um programa reencarnatório.

À primeira vista, pareceu-me que havia razão naquela afirmativa. Pois, de fato, se tudo o que nos acontece na vida presente estivesse previsto, o livre-arbítrio seria uma balela.

No entanto, recusei-me a aceitar a lógica apresentada e procurei estudar o assunto, segundo o ensinamento dos Espíritos Superiores, base do

Espiritismo, tendo chegado às seguintes conclusões, resumidamente:

1) Antes de nova existência corpórea, o Espírito escolhe o gênero de provas a que deseja se submeter; nisto consiste o livre-arbítrio na escolha das provas.

Entretanto, Deus, ao conceder ao Espírito a liberdade de escolha, deixa-lhe a responsabilidade dos seus atos e das suas consequências.

2) Na escolha das provas, o Espírito, via de regra, segue uma orientação: o desejo de sua própria evolução.

Por isso, o Espírito não escolhe as provas menos penosas.

Liberto da matéria, o Espírito não vê nas provas somente seu lado penoso, mas um atalho que o faça alcançar mais rapidamente um estado melhor, como um doente pode escolher um remédio mais desagradável para se curar logo.

3) A despeito do livre-arbítrio, Deus pode impor certa existência a um Espírito, quando este não estiver apto a compreender o que lhe seria mais proveitoso.

4) O Espírito escolhe o gênero das provas: os detalhes são consequências da posição escolhida e, frequentemente, de suas próprias ações.

O Espírito, escolhendo um caminho, sabe de que natureza são as vicissitudes que irá, encontrar; mas não sabe que acontecimentos o aguardam.

Os detalhes nascem das circunstâncias.

5) Por fim, o Espírito pode escolher prova que esteja acima das suas forças e então sucumbir.

Por outro lado, pode escolher outra que não lhe dê proveito algum, como um gênero de vida ociosa e inútil.

Nesses casos, voltando ao mundo espiritual, percebe que nada ganhou e pede para recuperar o tempo perdido.

Da forma exposta, compreendi melhor os princípios do livre-arbítrio e do destino.

Compreendi que, apesar de a primeira vista termos a impressão de que um desses pressupostos contraria o outro, tal lógica incorreta, do ponto de vista espírita, é motivada pela confusão que fazemos, tomando por destino os mínimos detalhes de nossas vidas.

## **O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VI)**

O certo é que nem tudo está previsto, mas apenas o gênero das provas a que nos submetemos a cada vez: isto, sim, é fruto da nossa própria escolha, ou das escolhas que fizemos e decisões que tomamos em vidas passadas.

É certo que muito mais ainda há a se dizer sobre o tema.

De modo que, se Deus assim o permitir, poderei, de uma próxima feita, continuar discorrendo sobre determinismo e livre-arbítrio.

Encerro com um princípio da justiça da Lei Divina, muito apropriado a toda essa reflexão (e que nos serve de estímulo à prática do bem): “A ação positiva do presente corrige efeitos do passado negativo”.

## VI – RELAÇÕES DE ALÉM TÚMULO

**274.** Da existência de diferentes ordens de Espíritos, resulta para estes, alguma hierarquia de poderes? Há entre eles subordinação e autoridade?

“Muito grande. Os Espíritos têm uns sobre os outros a autoridade correspondente ao grau de superioridade que hajam alcançado, autoridade que eles exercem por um ascendente moral irresistível.”

**A)** — Podem os Espíritos inferiores subtrair-se à autoridade dos que lhes são superiores?

“Eu disse: irresistível.”

**275.** O poder e a consideração de que um homem gozou na Terra lhe dão supremacia no mundo dos Espíritos?

“Não; pois que os pequenos serão elevados e os grandes rebaixados. Lê os salmos.”

**A)** — Como devemos entender essa elevação e esse rebaixamento?

“Não sabes que os Espíritos são de diferentes ordens, conforme seus méritos? Pois bem! O maior da Terra pode pertencer à última categoria entre os Espíritos, ao passo que o seu servo pode estar na primeira. Compreendes isto?

Não disse Jesus: aquele que se humilhar será exalçado e aquele que se exaltar será humilhado?”

**276.** Aquele que foi grande na Terra e que, como Espírito, vem a achar-se entre os de ordem inferior, experimenta com isso alguma humilhação?

“Às vezes bem grande, mormente se era orgulhoso e invejoso.”

**277.** O soldado que depois da batalha se encontra com o seu general, no mundo dos Espíritos, ainda o tem por seu superior?

“O título nada vale, a superioridade real é que tem valor.”

**278.** Os Espíritos das diferentes ordens se acham misturados uns com os outros?

“Sim e não. Quer dizer: eles se veem, mas se distinguem uns dos outros. Evitam-se ou se aproximam, conforme a simpatia ou à antipatia que reciprocamente uns inspiram aos outros, tal qual sucede entre vós. Constituem um mundo do qual o vosso é pálido reflexo. Os da mesma categoria se reúnem por uma espécie de afinidade e formam grupos ou famílias, unidos pelos laços da simpatia e pelos fins a que visam: os bons, pelo desejo de fazerem o bem; os maus, pelo de fazerem o mal, pela vergonha de suas faltas e pela necessidade de se acharem entre os que se lhes assemelham.”

Tal uma grande cidade onde os homens de todas as classes e de todas as condições se vêem e encontram, sem se confundirem; onde as sociedades se formam pela analogia dos gostos; onde a virtude e o vício se acotovelam, sem trocarem palavra.

**279.** Todos os Espíritos têm reciprocamente acesso aos diferentes grupos ou sociedades que eles formam?

“Os bons vão a toda parte e assim deve ser, para que possam influir sobre os maus. As regiões, porém, que os bons habitam estão interditas aos Espíritos imperfeitos, a fim de que não as perturbem com suas paixões inferiores.”

**280.** De que natureza são as relações entre os bons e os maus Espíritos?

“Os bons se ocupam em combater as más inclinações dos outros, a fim de ajudá-los a subir. É sua missão.”

## O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VI)

**281.** Por que os Espíritos inferiores se comprazem em nos induzir ao mal?

“Pelo despeito que lhes causa o não terem merecido estar entre os bons. O desejo que neles predomina é o de impedirem, quanto possam, que os Espíritos ainda inexperientes alcancem o supremo bem. Querem que os outros experimentem o que eles próprios experimentam. Isto não se dá também entre vós outros?”

**282.** Como se comunicam entre si os Espíritos?

“Eles se veem e se compreendem. A palavra é material: é o reflexo do Espírito. O fluido universal estabelece entre eles constante comunicação; é o veículo da transmissão de seus pensamentos, como, para vós, o ar o é do som. É uma espécie de telégrafo universal, que liga todos os mundos e permite que os Espíritos se correspondam de um mundo a outro.”

**283.** Podem os Espíritos, reciprocamente, dissimular seus pensamentos? Podem ocultar-se uns dos outros?

“Não; para os Espíritos, tudo é patente, sobretudo para os perfeitos. Podem afastar-se uns dos outros, mas sempre se veem. Isto, porém, não constitui regra absoluta, porquanto certos Espíritos podem muito bem tornar-se invisíveis a outros Espíritos, se julgarem útil fazê-lo.”

**284.** Como podem os Espíritos, não tendo corpo, comprovar suas individualidades e distinguir-se dos outros seres espirituais que os rodeiam?

“Comprovam suas individualidades pelo perispírito, que os torna distinguíveis uns dos outros, como faz o corpo entre os homens.”

**285.** Os Espíritos se reconhecem por terem coabitado a Terra?

O filho reconhece o pai, o amigo reconhece o seu amigo?

“Perfeitamente e, assim, de geração em geração.”

**A)** — Como é que os que se conheceram na Terra se reconhecem no mundo dos Espíritos?

“Vemos a nossa vida pretérita e lemos nela como em um livro. Vendo a dos nossos amigos e dos nossos inimigos, aí vemos a passagem deles da vida corporal à outra.”

**286.** Deixando seus despojos mortais, a alma vê imediatamente os parentes e amigos que a precederam no mundo dos Espíritos?

“Imediatamente, ainda aqui, não é o termo próprio.

Como já dissemos, é-lhe necessário algum tempo para que ela se reconheça a si mesma e alije o véu material.”

**287.** Como é acolhida a alma no seu regresso ao mundo dos Espíritos?

“A do justo, como bem-amado irmão, desde muito tempo esperado. A do mau, como um ser desprezível.”

**288.** Que sentimento desperta nos Espíritos impuros a chegada entre eles de outro Espírito mau?

“Os maus ficam satisfeitos quando veem seres que se lhes assemelham e privados, também, da infinita ventura, qual na Terra um tratante entre seus iguais.”

**289.** Nossos parentes e amigos costumam vir-nos ao encontro quando deixamos a Terra?

“Sim, os Espíritos vão ao encontro da alma a quem são afeiçoados. Felicitam-na, como se regressasse de uma viagem, por haver escapado aos perigos da estrada, e ajudam-na a desprender-se dos liames corporais. É uma graça concedida aos bons Espíritos o lhes virem ao encontro os que os amam, ao passo que aquele que se acha maculado permanece em insulamento, ou só tem a rodeá-lo os que lhe são semelhantes. É uma punição.”



## **O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VI)**

**290.** Os parentes e amigos sempre se reúnem depois da morte?

“Depende isso da elevação deles e do caminho que seguem, procurando progredir. Se um está mais adiantado e caminha mais depressa do que outro, não podem os dois conservar-se juntos. Ver-se-ão de tempos a tempos, mas não estarão reunidos para sempre, senão quando puderem caminhar lado a lado, ou quando se houverem igualado na perfeição. Acresce que a privação de ver os parentes e amigos é, às vezes, uma punição.”

**Memória de Além-túmulo**

Automaticamente, por força da lógica, elege o homem na contabilidade uma das forças de base ao próprio caminho.

Contas maiores legalizam as relações do comércio, e contas menores regulamentam o equilíbrio do lar.

Débitos pagos melhoram as credenciais de qualquer cidadão, enquanto que os compromissos menosprezados desprestigiam a ficha de qualquer um.

Assim também, para lá do sepulcro, surge o registro contábil da memória como elemento de aferição do nosso próprio valor.

A faculdade de recordar é o agente que nos premia ou nos pune, ante os acertos e os desacertos da rota.

Dessa forma, se os atos louváveis são recursos de abençoada renovação e profunda alegria nos recessos da alma, as ações infelizes se erguem, além do túmulo, por fantasmas de remorso e aflição no mundo da consciência.

Crimes perpetrados, faltas cometidas, erros deliberados, palavras delituosas e omissões lamentáveis esperam-nos a lembrança, impondo-nos, em reflexos dolorosos, o efeito de nossas quedas e o resultado de nossos desregramentos, quando os sentidos da esfera física não mais nos acalentam as ilusões.

Não olvideis, assim, que, além da morte, a vida nos aguarda em perpetuidade de grandeza e de luz, e que, nessas mesmas dimensões de glorificação e beleza, a memória imperecível é sempre o espelho que nos retrata o passado, a fim de que a sombra, reinante em nós, se dissolva, nas lições do presente, impelindo-nos a seguir, desenleados das trevas, no encaço da perfeição com que nos acena o futuro.

**Emmanuel**, Religião dos Espíritos, (psicografia Chico Xavier), (cap. 4.)

## VII – RELAÇÕES SIMPÁTICAS E ANTIPÁTICAS DOS ESPÍRITOS. METADES ETERNAS

**291.** Além da simpatia geral, oriunda da semelhança que entre eles exista, votam-se os Espíritos recíprocas afeições particulares?

“Do mesmo modo que os homens, sendo, porém, que mais forte é o laço que prende os Espíritos uns aos outros, quando carentes de corpo material, porque então esse laço não se acha exposto às vicissitudes das paixões.”

**292.** Alimentam ódio entre si os Espíritos?

“Só entre os Espíritos impuros há ódio e são eles que insuflam nos homens as inimizades e as dissensões.”

**293.** Conservarão ressentimento um do outro, no mundo dos Espíritos, dois seres que foram inimigos na Terra?

“Não; compreenderão que era estúpido o ódio que se votavam mutuamente e pueril o motivo que o inspirava.

Apenas os Espíritos imperfeitos conservam uma espécie de animosidade, enquanto se não purificam. Se foi unicamente um interesse material o que os inimizou, nisso não pensarão mais, por pouco desmaterializados que estejam. Não havendo entre eles antipatia e tendo deixado de existir a causa de suas desavenças, aproximam-se uns dos outros com prazer.”

Sucedem como entre dois colegas que, chegando à idade da ponderação, reconhecem a puerilidade de suas dissensões infantis e deixam de se malquerer.

**294.** A lembrança dos atos maus que dois homens praticaram um contra o outro constitui obstáculo a que entre eles reine simpatia?

“Essa lembrança os induz a se afastarem um do outro.”

**295.** Que sentimento anima, depois da morte, aqueles a quem fizemos mal neste mundo?

“Se são bons, eles vos perdoam, segundo o vosso arrependimento.

Se maus, é possível que guardem ressentimento do mal que lhes fizestes e vos persigam até, não raro, em outra existência. Deus pode permitir que assim seja, por castigo.”

**296.** São suscetíveis de alterar-se as afeições individuais dos Espíritos?

“Não, por não estarem eles sujeitos a enganar-se.

Falta-lhes a máscara sob que se escondem os hipócritas.

Daí vem que, sendo puros, suas afeições são inalteráveis.

Suprema felicidade lhes advém do amor que os une.”

**297.** Continua a existir sempre, no mundo dos Espíritos, a afeição mútua que dois seres se consagraram na Terra?

“Sem dúvida, desde que originada de verdadeira simpatia.

Se, porém, nasceu principalmente de causas de ordem física, desaparece com a causa. As afeições entre os Espíritos são mais sólidas e duráveis do que na Terra, porque não se acham subordinadas aos caprichos dos interesses materiais e do amor-próprio.”

**298.** As almas que devam unir-se estão, desde suas origens, predestinadas a essa união e cada um de nós tem, nalguma parte do Universo, sua metade, a que fatalmente um dia se reunirá?

“Não; não há união particular e fatal, de duas almas. A união que há é a de todos os Espíritos, mas em graus diversos, segundo a categoria que ocupam, isto é, segundo a perfeição que tenham adquirido. Quanto mais perfeitos, tanto mais unidos. Da discórdia nascem todos os males dos humanos; da concórdia resulta a completa felicidade.”

## O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VI)

**299.** Em que sentido se deve entender a palavra metade, de que alguns Espíritos se servem para designar os Espíritos simpáticos?

“A expressão é inexata. Se um Espírito fosse a metade de outro, separados os dois, estariam ambos incompletos.”

**300.** Se dois Espíritos perfeitamente simpáticos se reunirem, estarão unidos para todo o sempre, ou poderão separar-se e unir-se a outros Espíritos?

“Todos os Espíritos estão reciprocamente unidos. Falo dos que atingiram a perfeição. Nas esferas inferiores, desde que um Espírito se eleva, já não simpatiza, como dantes, com os que lhe ficaram abaixo.”

**301.** Dois Espíritos simpáticos são complemento um do outro, ou a simpatia entre eles existente é resultado de identidade perfeita?

“A simpatia que atrai um Espírito para outro resulta da perfeita concordância de seus pendores e instintos. Se um tivesse que completar o outro, perderia a sua individualidade.”

**302.** A identidade necessária à existência da simpatia perfeita apenas consiste na analogia dos pensamentos e sentimentos, ou também na uniformidade dos conhecimentos adquiridos?

“Na igualdade dos graus de elevação.”

**303.** Podem tornar-se de futuro, simpáticos, Espíritos que presentemente não o são?

“Todos o serão. Um Espírito, que hoje está numa esfera inferior, ascenderá, aperfeiçoando-se, à em que se acha tal outro Espírito. E ainda mais depressa se dará o encontro dos dois, se o mais elevado, por suportar mal as provas a que esteja submetido, permanecer estacionário.”

**A)** — Podem deixar de ser simpáticos um ao outro dois Espíritos que já o sejam?

“Certamente, se um deles for preguiçoso.”

A teoria das metades eternas encerra uma simples figura, representativa da união de dois Espíritos simpáticos. Trata-se de uma expressão usada até na linguagem vulgar e que se não deve tomar ao pé da letra. Não pertencem decerto a uma ordem elevada os Espíritos que a empregaram. Necessariamente, limitado sendo o campo de suas idéias, exprimiram seus pensamentos com os termos de que se teriam utilizado na vida corporal. Não se deve, pois, aceitar a idéia de que, criados um para o outro, dois Espíritos tenham, fatalmente, que se reunir um dia na eternidade, depois de haverem estado separados por tempo mais ou menos longo.

**Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita**

72 – 07/09/2008

O Consolador – (Thiago Bernardes)

**VII. Relações Simpáticas e Antipáticas**

**dos Espíritos – Metades Eternas**

**Almas Gêmeas e Metades Eternas**

**A expressão, metades eternas constitui uma simples figura**

1. A questão 298 d' O Livro dos Espíritos nos diz que “não há união particular e fatal de duas almas”. “A união que há é a de todos os Espíritos, mas em graus diversos, segundo a categoria que ocupam, isto é, segundo a perfeição que tenham adquirido.”

2. Na questão seguinte da mesma obra, lê-se que não existem “metades eternas”. Se um Espírito fosse a metade de outro, separados estariam ambos incompletos. “A teoria das metades eternas encerra uma simples figura, representativa da união de dois Espíritos simpáticos. Trata-se de uma expressão usada até na linguagem vulgar e que se não deve tomar ao pé da letra.”

3. Reportando-se ao assunto, Emmanuel nos diz, nas questões 323 e seguintes do livro O Consolador, que, no sagrado mistério da vida, cada coração possui no Infinito a alma gêmea da sua, companheira divina para a viagem à gloriosa imortalidade.

**As almas gêmeas se buscam, sempre que separadas**

4. Criadas umas para as outras – afirma Emmanuel –, as almas gêmeas se buscam, sempre que separadas. A união perene é para elas a aspiração suprema e indefinível. Milhares de seres, se transviados no crime ou na inconsciência, experimentam a separação das almas que os sustentam, como a provação mais ríspida e dolorosa, e, no drama das existências mais obscuras, vemos sempre a atração eterna das almas que se amam intimamente. Quando se encontram, no acervo dos trabalhos humanos, sentem-se de posse da felicidade real para os seus corações – a da ventura de sua união. E a única amargura que lhes empana a alegria é a perspectiva de uma nova separação pela morte, perspectiva essa que a luz da Doutrina Espírita veio dissipar.

5. Não sabemos esclarecer a razão da atração existente entre dois Espíritos, a ponto de torná-los almas gêmeas. Para nós, o primeiro instante da criação do ser está mergulhado ainda num suave mistério, assim como a atração profunda e inexplicável que arrasta uma alma para outra, no instituto dos trabalhos, das experiências e das provas, no caminho infinito do Tempo.

6. Nem sempre as almas gêmeas se encontram no mesmo plano evolutivo. No livro Diário dos Invisíveis, de Zilda Gama, o Espírito de Victor Hugo diz que almas criadas na mesma era, iniciando “úteis peregrinações em mundos primitivos, e, depois, separadas em pontos diversos do globo terrestre, conservam, umas das outras, reminiscências indeléveis”. Às vezes, não se encontram em algumas de suas jornadas terrenas – quando uma delas comete delitos graves e retarda seu cinzelamento psíquico; outras há, porém, que, logo nos primórdios de uma existência, se reúnem e se reconhecem, fitando-se longamente, agrilhoadas, às vezes, pelo afeto de íntimo parentesco, nascidas sob o mesmo teto.

**Almas gêmeas nada têm a ver com metades eternas**

7. Acrescenta Victor Hugo (Espírito): “Quando compreendem que se reveem enfim, que os seus Espíritos foram germinados no mesmo instante, perustraram o mesmo carreiro, tornaram-se gêmeos pelos laços perpétuos da afinidade – um júbilo intenso irradia-se nos seus íntimos qual uma alvorada espancando bruscamente as trevas de uma noite que parecia intérmina. Sim, as trevas em que jaziam antes de se reverem, pois as almas isoladas, incompreendidas, enquanto lhes falta a consócia que as deixou mutiladas, o lúcido fragmento que as integra por um consócio celeste – o Amor, o vínculo estelífero que as torna inseparáveis por toda consumação dos séculos – ficam imersas em penumbra, asfixiadas em desalento, envoltas em brumas polares.”

## **O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VI)**

8. No livro Renúncia, obra psicografada por Chico Xavier, Emmanuel conta-nos a história da luminosa entidade espiritual Alcíone, que se afasta, temporariamente, da elevada esfera onde residia para auxiliar sua alma gêmea Pólux. A história de Alcíone e Pólux é expressivo exemplo de Espíritos evolutivamente muito distanciados um do outro, mas que, por serem almas gêmeas, mantêm-se intimamente ligados.

9. É importante, porém, que fique claro o conceito de almas gêmeas. Como esclarece Emmanuel em Nota colocada na parte final de O Consolador, com a expressão “almas gêmeas” ele não quis dizer “metades eternas”. Em verdade, assevera o notável Instrutor espiritual, a tese é mais complexa do que parece ao primeiro exame e sugere mais vasta meditação às tendências do século, no capítulo do “divorcismo” e do “pansexualismo”, mas ninguém pode estribar-se no enunciado para desistir de veneráveis compromissos assumidos na escola redentora do mundo, sob pena de aumentar os próprios débitos.

### **Bibliografia:**

**Kardec Allan**, O Livro dos Espíritos, (itens 298, 299 e 303.)

**Emmanuel**, O Consolador, (psicografia Chico Xavier), (questões 323 e 325, e Nota na pág. 233.)

**Emmanuel**, Renúncia, (psicografia Chico Xavier), (págs. 15 e 25.)

**Espíritos Diversos**, Diário dos Invisíveis, (psicografia Zilda Gama), (págs. 129 e 130.)

## VIII – LEMBRANÇA DA EXISTÊNCIA CORPÓREA

**304.** Lembra-se o Espírito da sua existência corporal?

“Lembra-se, isto é, tendo vivido muitas vezes na Terra, recorda-se do que foi como homem e eu te afirmo que frequentemente ri, penalizado de si mesmo.”

Tal qual o homem, que chegou à maturidade e que ri das suas loucuras de moço, ou das suas puerilidades na infância.

**305.** A lembrança da existência corporal se apresenta ao Espírito, completa e inesperadamente, após a morte?

“Não; vem-lhe pouco a pouco, qual imagem que surge gradualmente de uma névoa, à medida que nela fixa ele a sua atenção.”

**306.** O Espírito se lembra, pormenorizadamente, de todos os acontecimentos de sua vida? Apreende o conjunto deles de um golpe de vista retrospectivo?

“Lembra-se das coisas, de conformidade com as consequências que delas resultaram para o estado em que se encontra como Espírito errante. Bem compreendes, portanto, que muitas circunstâncias haverá de sua vida a que não ligará importância alguma e das quais nem sequer procurará recordar-se.”

**A)** — Mas, se o quisesse, poderia lembrar-se delas?

“Pode lembrar-se dos mais minuciosos pormenores e incidentes, assim relativos aos fatos, como até aos seus pensamentos. Não o faz, porém, desde que não tenha utilidade.”

**B)** — Entrevê o Espírito o objetivo da vida terrestre com relação à vida futura?

“Certo que o vê e compreende muito melhor do que em vida do seu corpo. Compreende a necessidade da sua purificação para chegar ao infinito e percebe que em cada existência deixa algumas impurezas.”

**307.** Como é que ao Espírito se lhe desenha na memória a sua vida passada? Será por esforço da própria imaginação, ou como um quadro que se lhe apresenta à vista?

“De uma e outra formas. São-lhe como que presentes todos os atos de que tenha interesse em lembrar-se. Os outros lhe permanecem mais ou menos vagos na mente, ou esquecidos de todo. Quanto mais desmaterializado estiver, tanto menos importância dará às coisas materiais. Essa a razão por que, muitas vezes, evocas um Espírito que acabou de deixar a Terra e verificas que não se lembra dos nomes das pessoas que lhe eram caras, nem de uma porção de coisas que te parecem importantes. É que tudo isso, pouco lhe importando, logo caiu em esquecimento. Ele só se recorda perfeitamente bem dos fatos principais que concorrem para a sua melhoria.”

**308.** O Espírito se recorda de todas as existências que precederam a que acaba de ter?

“Todo o seu passado se lhe desdobra à vista, quais a um viajor os trechos do caminho que percorreu. Mas, como já dissemos, não se recorda, de modo absoluto, de todos os seus atos. Lembra-se destes conformemente à influência que tiveram na criação do seu estado atual. Quanto às primeiras existências, as que se podem considerar como a infância do Espírito, essas se perdem no vago e desaparecem na noite do esquecimento.”

**309.** Como considera o Espírito o corpo de que vem de separar-se?

“Como veste imprecioso, que o embaraçava, sentindo-se feliz por estar livre dela.”

**A)** — Que sensação lhe causa o espetáculo do seu corpo em decomposição?

“Quase sempre se conserva indiferente a isso, como a uma coisa que em nada o interessa.”

## O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VI)

**310.** Ao cabo de algum tempo, reconhecerá o Espírito os ossos ou outros objetos que lhe tenham pertencido?

“Algumas vezes, dependendo do ponto de vista mais ou menos elevado, donde considere as coisas terrenas.”

**311.** A veneração que se tenha pelos objetos materiais que pertenceram ao Espírito lhe dá prazer e atrai a sua atenção para esses objetos?

“É sempre grato ao Espírito que se lembrem dele, e os objetos que lhe pertenceram trazem-no à memória dos que ele no mundo deixou. Mas, o que o atrai é o pensamento destas pessoas e não aqueles objetos.”

**312.** E a lembrança dos sofrimentos por que passaram na última existência corporal, os Espíritos a conservam?

“Frequentemente assim acontece e essa lembrança lhes faz compreender melhor o valor da felicidade de que podem gozar como Espíritos.”

**313.** O homem, que neste mundo foi feliz, deplora a felicidade que perdeu, deixando a Terra?

“Só os Espíritos inferiores podem sentir saudades de gozos condizentes com uma natureza impura qual a deles, gozos que lhes acarretam a expiação pelo sofrimento. Para os Espíritos elevados, a felicidade eterna é mil vezes preferível aos prazeres efêmeros da Terra.”

Exatamente como sucede ao homem que, na idade da maturidade, nenhuma importância liga ao que tanto o deliciava na infância.

**314.** Aquele que deu começo a trabalhos de vulto com um fim útil e, que os vê interrompidos pela morte, lamenta, no outro mundo, tê-los deixado por acabar?

“Não, porque vê que outros estão destinados a concluí-los. Trata, ao contrário, de influenciar outros Espíritos humanos, para que os ultimem. Seu objetivo, na Terra, era o bem da Humanidade: o mesmo objetivo continua a ter no mundo dos Espíritos.”

**315.** E o que deixou trabalhos de arte ou de literatura, conserva pelas suas obras o amor que lhes tinha quando vivo?

“De acordo com a sua elevação, aprecia-as de outro ponto de vista e não é raro condene o que maior admiração lhe causava.”

**316.** No além, o Espírito se interessa pelos trabalhos que se executam na Terra, pelo progresso das artes e das ciências?

“Conforme a sua elevação ou à missão que possa ter que desempenhar. Muitas vezes, o que vos parece magnífico bem pouco é para certos Espíritos, que, então, o admiram, como o sábio admira a obra de um estudante. Atentam apenas no que prove a elevação dos encarnados e seus progressos.”

**317.** Após a morte, conservam os Espíritos o amor da pátria?

“O princípio é sempre o mesmo. Para os Espíritos elevados, a pátria é o Universo. Na Terra, a pátria, para eles, está onde se ache o maior número das pessoas que lhes são simpáticas.”

As condições dos Espíritos e as maneiras por que vêm as coisas variam ao infinito, de conformidade com os graus de desenvolvimento moral e intelectual em que se achem. Geralmente, os Espíritos de ordem elevada só por breve tempo se aproximam da Terra. Tudo o que aí se faz é tão mesquinho em comparação com as grandezas do infinito, tão pueris são, aos olhos deles, as coisas a que os homens mais importância ligam, que quase nenhum atrativo lhes oferece o nosso mundo, a menos que para aí os leve o propósito de concorrerem para o progresso da Humanidade.



## O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VI)

Os Espíritos de ordem intermédia são os que mais frequentemente baixam a este planeta, se bem considerem as coisas de um ponto de vista mais alto do que quando encarnados. Os Espíritos vulgares, esses são os que aí mais se comprazem e constituem a massa da população invisível do globo terráqueo. Conservam quase que as mesmas idéias, os mesmos gostos e as mesmas inclinações que tinham quando revestidos do invólucro corpóreo.

Metem-se em nossas reuniões, negócios, divertimentos, nos quais tomam parte mais ou menos ativa, segundo seus caracteres. Não podendo satisfazer às suas paixões, gozam na companhia dos que a elas se entregam e os excitam a cultivá-las. Entre eles, no entanto, muitos há, sérios, que vêem e observam para se instruírem e aperfeiçoarem.

**318.** As idéias dos Espíritos se modificam quando na erraticidade?

“Muito; sofrem grandes modificações, à proporção que o Espírito se desmaterializa. Pode este, algumas vezes, permanecer longo tempo imbuído das idéias que tinha na Terra; mas, pouco a pouco, a influência da matéria diminui e ele vê as coisas com maior clareza. É então que procura os meios de se tornar melhor.”

**319.** Já tendo o Espírito vivido a vida espírita antes da sua encarnação, como se explica o seu espanto ao reingressar no mundo dos Espíritos?

“Isso só se dá no primeiro momento e é efeito da perturbação que se segue ao despertar do Espírito. Mais tarde, ele se vai inteirando da sua condição, à medida que lhe volta a lembrança do passado e que a impressão da vida terrena se lhe apaga.” (Nos 163 e seguintes.)

**Justificativas do esquecimento do passado**

**Nossas tendências instintivas são uma reminiscência do passado**

1. O esquecimento do passado, que é considerado a mais séria objeção oposta à lei de reencarnação, dá ensejo aos seus antagonistas de proporem indagações como estas:

·Se o homem viveu antes, por que não se lembra de suas existências anteriores?

·Se não se lembra das existências passadas, como pode aproveitar a experiência adquirida nelas?

·Se não recorda o que fez ou o que aprendeu no passado, cada existência não seria para ele qual se fosse a primeira? Não estaria ele, desse modo, sempre a recomençar?

2. Allan Kardec dá-nos em “O Livro dos Espíritos”, em linguagem clara e concludente, uma explicação lógica e uma resposta convincente às referidas indagações.

3. Não temos durante a existência corpórea, reconhece Kardec, lembrança exata do que fomos e do que fizemos nas anteriores existências, mas possuímos disso a intuição, sendo as nossas tendências instintivas uma reminiscência do passado. Não fossem a nossa consciência e a vontade que experimentamos de não reincidir nas faltas já cometidas, seria difícil resistir a tais pendoros.

4. A aptidão para essa ou aquela profissão, a maior ou menor facilidade nessa ou naquela disciplina, as inclinações interiores – eis elementos que não teriam justificativa se não existisse a reencarnação. Com efeito, se a alma fosse realmente criada junto com o corpo da criança, as pessoas deveriam revelar igual talento e idênticas predileções, mas não é isso que vemos. Os que têm filhos sabem muito bem quão diferentes eles são, conquanto criados no mesmo ambiente e recebendo os mesmos estímulos.

**O esquecimento do passado atesta a bondade do Criador**

5. No esquecimento das existências anteriores, sobretudo quando foram amarguradas, há efetivamente algo de providencial e que atesta a bondade e a sabedoria do Criador. Tal como se dá com os sentenciados a longas penas, todos nós desejamos apagar da memória os delitos cometidos e felizes ficamos quando a sociedade não os conhece ou os relega ao esquecimento.

6. A razão desse desejo é fácil de explicar. Frequentemente – ensina o Espiritismo – renascemos no mesmo meio em que já vivemos e estabelecemos de novo relações com as mesmas pessoas, a fim de reparar o mal que lhes tenhamos feito. Se reconhecêssemos nelas criaturas a quem odiamos, talvez o ódio despertasse outra vez em nosso íntimo, e ainda que tal não ocorresse, sentir-nos íamos humilhados na presença daquelas a quem houvéssemos prejudicado ou ofendido.

7. É preciso ter em conta ainda um outro dado: o esquecimento do passado ocorre apenas durante a existência corpórea. Voltando à vida espiritual, mesmo que não recobremos de imediato a lembrança das existências passadas, readquirimos informações suficientes que nos situem perante as pessoas do nosso círculo. Não existe, portanto, esquecimento, mas tão-somente uma interrupção temporária das nossas recordações. Livres da reminiscência de um passado certamente importuno, podemos viver com mais liberdade, como se déssemos início a uma nova história.

8. Suponhamos ainda que, em nossas relações, em nossa família mesma, se encontre um indivíduo que nos deu, outrora, motivos reais de queixa, que talvez nos tenha arruinado ou

## **O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VI)**

desonrado, e que, arrependido, reencarnou-se em nosso meio, a fim de reparar suas faltas. Se nós e ele lembrássemos as peripécias do passado, ficaríamos na mais embaraçosa posição, que em nada contribuiria para a renovação das atitudes.

9. Basta essa ordem de raciocínios para entendermos que a reminiscência das existências anteriores perturbaria as relações sociais e constituiria um tropeço real à marcha do progresso.

### **Há razões de ordem científica que explicam o esquecimento do passado**

10. Léon Denis e Gabriel Delanne dão-nos as razões de ordem científica pelas quais as lembranças do passado não podem ocorrer ao se dar a nova encarnação do Espírito.

11. Segundo Denis, em consequência da diminuição do seu estado vibratório, o Espírito, cada vez que toma posse de um corpo novo, de um cérebro virgem, acha-se na impossibilidade de exprimir as recordações acumuladas em suas vidas precedentes.

12. Delanne esclarece que o perispírito toma, ao encarnar, um movimento vibratório bastante fraco para que o mínimo de intensidade necessário à renovação de suas lembranças possa ser atingido.

13. Podemos, pois, concluir em poucas linhas:

O esquecimento do passado e, por conseguinte, das faltas cometidas não lhes atenua as consequências.

O conhecimento delas seria, porém, um fardo insuportável e uma causa de desânimo para muitas pessoas.

Se a recordação do passado fosse geral, isso concorreria para a perpetuação dos ressentimentos e dos ódios.

A existência terrestre é, algumas vezes, difícil de suportar, e o seria ainda mais se, ao cortejo dos nossos males atuais, acrescentássemos a memória dos sofrimentos e dos equívocos passados.

### **Bibliografia:**

**Kardec Allan**, O Livro dos Espíritos, (questões 392 a 394.)

**Kardec Allan**, O Evangelho segundo o Espiritismo, (capítulo V, item 11.)

**Kardec Allan**, O que é o Espiritismo, (pp. 114, 116 e 117.)

**Delanne Gabriel**, A Reencarnação, (págs. 305 e 306.)

**Delanne Gabriel**, A Evolução Anímica, (pág. 175.)

**Léon Denis**, Depois da Morte, (págs. 145 e 146.)

**Léon Denis**, O Problema do Ser, (pág. 182.)

## IX – COMEMORAÇÃO DOS MORTOS. FUNERAIS.

**320.** Sensibiliza os Espíritos o lembrarem-se deles os que lhes foram caros na Terra?

“Muito mais do que podeis supor. Se são felizes, esse fato lhes aumenta a felicidade. Se são desgraçados, serve-lhes de lenitivo.”

**321.** O dia da comemoração dos mortos é, para os Espíritos, mais solene do que os outros dias? Apraz lhes ir ao encontro dos que vão orar nos cemitérios sobre seus túmulos?

“Os Espíritos acodem nesse dia ao chamado dos que da Terra lhes dirigem seus pensamentos, como o fazem noutro dia qualquer.”

**A)** — Mas o de finados é, para eles, um dia especial de reunião junto de suas sepulturas?

“Nesse dia, em maior número se reúnem nas necrópoles, porque então também é maior, em tais lugares, o das pessoas que os chamam pelo pensamento. Porém, cada Espírito vai lá somente pelos seus amigos e não pela multidão dos indiferentes.”

**B)** — Sob que forma aí comparecem e como os veríamos, se pudessem tornar-se visíveis?

“Sob a que tinham quando encarnados.”

**322.** E os esquecidos, cujos túmulos ninguém vai visitar, também lá, não obstante, comparecem e sentem algum pesar por verem que nenhum amigo se lembra deles?

“Que lhes importa a Terra? Só pelo coração nos achamos a ela presos. Desde que aí ninguém mais lhe vota afeição, nada mais prende a esse planeta o Espírito, que tem para si o Universo inteiro.”

**323.** A visita de uma pessoa a um túmulo causa maior contentamento ao Espírito, cujos despojos corporais aí se encontrem, do que a prece que por ele faça essa pessoa em sua casa?

“Aquele que visita um túmulo apenas manifesta, por essa forma, que pensa no Espírito ausente. A visita é a representação exterior de um fato íntimo. Já dissemos que a prece é que santifica o ato da rememoração. Nada importa o lugar, desde que é feita com o coração.”

**324.** Os Espíritos das pessoas a quem se erigem estátuas ou monumentos assistem à inauguração de umas e outros e experimentam algum prazer nisso?

“Muitos comparecem a tais solenidades, quando podem; porém, menos os sensibiliza a homenagem que lhes prestam, do que a lembrança que deles guardam os homens.”

**325.** Qual a origem do desejo que certas pessoas exprimem de ser enterradas antes num lugar do que noutro? Será que preferirão, depois de mortas, vir a tal lugar? E essa importância dada a uma coisa tão material constitui indício de inferioridade do Espírito?

“Afeição particular do Espírito por determinados lugares; inferioridade moral. Que importa este ou aquele canto da Terra a um Espírito elevado? Não sabe ele que sua alma se reunirá às dos que lhe são caros, embora fiquem separados os seus respectivos ossos?”

**A)** — Deve-se considerar futilidade a reunião dos despojos mortais de todos os membros de uma família?

“Não; é um costume piedoso e um testemunho de simpatia que dão os que assim procedem aos que lhes foram entes queridos. Conquanto destituída de importância para os Espíritos, essa reunião é útil aos homens: mais concentradas se tornam suas recordações.”

**326.** Comovem a alma que volta à vida espiritual as honras que lhe prestem aos despojos mortais?

## O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VI)

“Quando já ascendeu a certo grau de perfeição, o Espírito se acha escoimado de vaidades terrenas e compreende a futilidade de todas essas coisas. Porém, ficai sabendo, há Espíritos que, nos primeiros momentos que se seguem à sua morte material, experimentam grande prazer com as honras que lhes tributam, ou se aborrecem com o pouco, caso que façam de seus envoltórios corporais. É que ainda conservam alguns dos preconceitos desse mundo.”

**327.** O Espírito assiste ao seu enterro?

“Frequentemente assiste, mas, algumas vezes, se ainda está perturbado, não percebe o que se passa.”

**A)** — Lisonjeia-o a concorrência de muitas pessoas ao seu enterramento?

“Mais ou menos, conforme o sentimento que as anima.”

**328.** O Espírito daquele que acaba de morrer assiste à reunião de seus herdeiros?

“Quase sempre. Para seu ensinamento e castigo dos culpados, Deus permite que assim aconteça. Nessa ocasião, o Espírito julga do valor dos protestos que lhe faziam. Todos os sentimentos se lhe patenteiam e a decepção que lhe causa a rapacidade dos que entre si partilham os bens por ele deixados o esclarece acerca daqueles sentimentos. Chegará, porém, a vez dos que lhe motivam essa decepção.”

**329.** O instintivo respeito que, em todos os tempos e entre todos os povos, o homem consagrou e consagra aos mortos é efeito da intuição que tem da vida futura?

“É a conseqüência natural dessa intuição. Se assim não fosse, nenhuma razão de ser teria esse respeito.”

**Crônicas e Artigos**

288 – 25/11/2012

O Consolador – (André Luiz Alves Jr.)

**IX. Comemoração dos mortos. Funerais**

**Finados para os Espíritos**

Para muitos, Finados representa apenas mais um feriado, uma oportunidade de descansar, viajar, ou até mesmo colocar a agenda pessoal em dia. Para os católicos, o dia de reverenciar os entes queridos, amigos, pessoas que não vivem mais no plano físico.

A ideia de lembrar os “mortos” surgiu ainda no século I, através dos seguidores de Jesus que costumavam rezar para os mártires do Cristianismo já desencarnados, o que mais tarde ganhou força quando a Igreja Católica estabeleceu uma data para orar por todos os falecidos, principalmente aqueles esquecidos pela família, nascendo assim o dia de Finados, onde os vivos visitam os despojos carnis daqueles que partiram para o outro lado, homenageando-os com flores, velas e orações.

E para nós espíritos, o que representa a data de 2 de novembro?

Busquemos a resposta em o Livro dos Espíritos, 2ª Parte, Capítulo VI – Da vida Espírita – Comemoração dos Mortos, Funerais:

320. Sensibiliza os Espíritos o lembrarem-se deles os que lhes foram caros na Terra?

“Muito mais do que podeis supor. Se são felizes, esse fato lhes aumenta a felicidade. Se são desgraçados, serve-lhes de lenitivo.”

321. O dia da comemoração dos mortos é, para os Espíritos, mais solene que os outros dias? Apraz lhes ir ao encontro dos que vão orar nos cemitérios sobre seus túmulos?

“Os Espíritos acolhem neste dia o chamado dos que da Terra lhe dirigem seus pensamentos, como fazem noutro dia qualquer.”

a) Mas o de Finados é, para eles, um dia especial de reunião junto a suas sepulturas?

“Nesse dia, em maior número se reúnem nas necrópoles, porque então também é maior, em tais lugares, o das pessoas que os chamam pelo pensamento. Porém, cada Espírito vai lá somente pelos seus amigos e não pela multidão dos indiferentes.”

b) Sob que forma aí comparecem e como os veríamos, se pudessem tornar-se visíveis?

“Sob a que tinham quando encarnados.”

322. E os esquecidos, cujos túmulos ninguém vai visitar, também lá, não obstante, comparecem e sentem algum pesar por verem que nenhum amigo se lembra deles?

“Que lhes importa a Terra? Só pelo coração nos achamos a ela presos. Desde que aí ninguém mais lhe vota afeição, nada mais prende a esse planeta o Espírito, que tem para si o Universo inteiro.”

Destarte, não necessitamos esperar uma data específica para rememorar os Espíritos desencarnados que nos são caros. Nossa organização vital, composta por espírito, perispírito e matéria, funciona como um receptor e transmissor de vibrações, podendo tanto enviar, quanto receber energia do plano espiritual, o qual exerce influência direta sobre nós e vice-versa, bem como não precisamos nos deslocar até o cemitério para realizar nossas orações, uma vez que o Espírito não permanece junto ao sepulcro. Podemos mentalizar nossas preces em qualquer local, desde que façamos com o coração.

O Livro dos Espíritos ainda nos alerta que temos de recordar dos Espíritos desencarnados sempre com bons sentimentos, para que estes não se aflijam com o nosso sofrimento. A saudade é perfeitamente compreensível, mas a tristeza, o desespero e a dor da perda daqueles que ficam

## **O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VI)**

demonstra falta de confiança em Deus e pode incomodar o Espírito que partiu, interferindo em seu progresso no mundo espiritual.

Por fim, independentemente das diferentes manifestações de carinho, as quais indubitavelmente são recebidas pelos Espíritos, o que há em comum em todas as crenças é que a imortalidade da alma, apesar de ainda não ser totalmente compreendida por todos, é uma questão irrefutável para todas as religiões, do contrário, seria uma enorme contradição homenagear quem já não vive mais.